



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS



**CONTAR-SE DE UMA PROFESSORA RESILIENTE: um processo como
pretexto para efetivação da (auto) formação a partir de uma metodologia
alternativa**

**MANAUS
2023**

DANIELLE GOLVIM DA SILVA ALENCAR

**CONTAR-SE DE UM PROFESSORA RESILIENTE: um processo como pretexto
para efetivação da (auto) formação a partir de uma metodologia alternativa**

Pesquisa, em andamento, apresentado ao Curso de Mestrado Profissional, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas- IFAM, como requisito parcial para a qualificação.

Orientador: Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga

MANAUS

2023

Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Centro

A368c Alencar, Danielle Golvim da Silva.

Contar-se de uma professora resiliente: um processo como pretexto para efetivação da (auto) formação a partir de uma metodologia alternativa / Danielle Golvim da Silva Alencar. – Manaus, 2022.
60 p. : il. color.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus Centro, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga.

1. Ensino tecnológico. 2. Processo formativo. 3. Autoformação. I. Gonzaga, Amarildo Menezes. (Orient.) II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 371.33

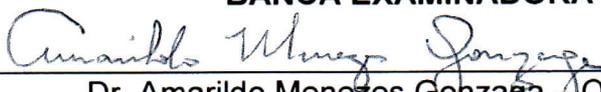
DANIELLE GOLVIM DA SILVA ALENCAR

“CONTAR-SE DE UMA PROFESSORA RESILIENTE: UM PROCESSO COMO PRETEXTO PARA EFETIVAÇÃO DA (AUTO) FORMAÇÃO A PARTIR DE UMA METODOLOGIA ALTERNATIVA”

Dissertação apresentada ao Mestrado do Programa Profissional de Pós-Graduação em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico. Linha de Pesquisa: Recursos para o Ensino Técnico e Tecnológico.

Aprovada em 13 de fevereiro de 2023.

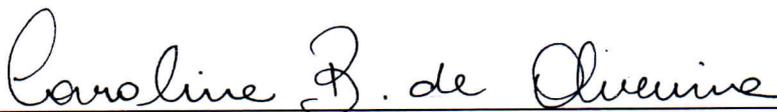
BANCA EXAMINADORA



Dr. Amarildo Menezes Gonzaga – Orientador
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Dr. Tarcísio Serpa Normando – Membro Titular Interno
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Dra. Caroline Barroncas de Oliveira – Membro Titular Externo (UEA)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por tudo. Somente ele sabe toda a trajetória, os pensamentos e sentimentos que senti ao longo desse processo de escrita. Com Ele está os meus mais profundos segredos e sentimentos não mostrados, somente Ele saberá.

Agradeço a minha família, em especial aos meus pais que me oportunizaram ter o estudo que eles não tiveram, pelas oportunidades que poucos possuem. Serei eternamente a grata.

Agradeço ao meu orientador, Dr. Amarildo Menezes Gonzaga, até hoje é incompreensível para mim o que ele viu ao me escolher como sua orientanda. Agradeço pela oportunidade, agradeço por me permitir voar, agradeço por não desistir de mim.

Agradeço ao PPGET, pela oportunidade em me tornar Mestre, estávamos em Pandemia da Covid 19, e ainda nos oferecem o suporte necessário.

Agradeço a FAPEAM, por ter apoiado financeiramente este estudo, dando suporte, mesmo com o país em crise na pesquisa.

Agradeço ao meu esposo Andrey, pela parceria, por não me deixar desistir, por sempre ser meu motivador e companheiro.

Agradeço a minha filha, Ana Francisca, nasceu junto com essa dissertação, é minha maior força, minha luz, minha motivação. Tudo fez sentido com você, tudo aconteceu por causa de você.

Agradeço a todos que direta e indiretamente fizeram parte desse momento. Van Gogh certa vez disse: “Eu coloco meu coração e minha alma no meu trabalho, e eu perdi minha mente no processo.”. Eu quase me perdi, eu quase perdi minha mente, e ainda estou recuperando. Agradeço imensamente pela perspectiva construída ao longo dessa escrita.

Grata a tudo e a todos!

Resumo

Estudo que traz contribuições para que professores possam refletir sobre o sentido dado à Resiliência no ser professor, trazendo as experiências construídas pelos sujeitos ao longo de sua jornada de vida, almejando que através desta possa relembrar experiências passadas em processo de reflexão, levando à ressignificação, construção e compreensão da resiliência no processo de formação humana e profissional. Em princípio, discorre-se a respeito de abordagens sobre o termo Resiliência, considerando aspectos similares e divergentes, como uma possibilidade de deixar evidente distintas manifestações a respeito do tema. Sequenciando, procura-se dar sentido ao Ser Professor no Processo Formativo, tendo como referência o fato de que Ser professor desde os tempos mais primórdios têm sido um grande desafio, há uma complexidade na profissão. Ainda, discute-se sobre a Resiliência no ser professor, tomando como ponto de partida o princípio de que o mencionado termo vem sendo utilizado não somente na psicologia, também está presente na educação. Espera-se que essas reflexões contribuam reflexivamente a professores.

Palavras-chave: Resiliência. Ser Professor. Educação.

Abstract

Study that brings contributions so that teachers can reflect on the meaning given to Resilience in being a teacher, bringing the experiences built by the subjects throughout their life journey, hoping that through this they can remember past experiences in the process of reflection, leading to resignification, construction and understanding of resilience in the process of human and professional training. In principle, we discuss approaches to the term Resilience, considering similar and divergent aspects, as a possibility of making distinct manifestations regarding the topic evident. Sequencing, we seek to give meaning to Being a Teacher in the Training Process, taking as a reference the fact that Being a teacher since the earliest times has been a great challenge, there is a complexity in the profession. Furthermore, Resilience in being a teacher is discussed, taking as a starting point the principle that the aforementioned term has been used not only in psychology, it is also present in education. These reflections are expected to provide reflective contributions to teachers.

Keywords: Resilience. Be a teacher. Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO 01 - Considerações sobre o percurso investigativo	08
1.1. Perspectivas sobre Método e Metodologia.....	08
1.2. O Método Autobiográfico e a Metodologia das Cartas Autobiográficas.....	10
1.3. Os conceitos que se articulam no sentido dado ao problema investigado.....	12
1.4. Etapas da Investigação.....	22
1.4.1. A construção do Primeiro Capítulo.....	22
1.4.2. A Construção do Segundo Capítulo.....	23
1.4.3. O Produto: Video Educacional.....	27
CAPÍTULO 2 – O contar de si e a escuta do outro.....	28
2.1. A carta contando do remetente contando de si.....	29
2.2. Desdobramentos do contar de si.....	33
2.2.1. Entrelaçando Raízes.....	36
a) Recorte das Histórias.....	36
2.2.2. Estranho Reconhecer.....	42
CAPÍTULO 3 – Produto Educacional.....	46
PARTE FINAL.....	50
REFERENCIAL TEÓRICO.....	52

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Episódios do Podcast	48
---------------------------------------	----

Lista de Figuras

Figura 1 - Análise por Triangulação.....	25
Figura 2 - Meu avô (Pai).....	28
Figura 3 - Minha avó (Mãe)	28
Figura 4 - Colação de Grau – UFAM, 2018	30
Figura 5 - Apresentação do Projeto de Pesquisa – IFAM, 2019	30
Figura 6 - Missão na Comunidade de São Francisco de Assis, 2019	31
Figura 7 - Ana (minha filha), 2021.....	31

"AS LEMBRANÇAS QUE DÃO SENTIDO" - BORIS CYRULNIK



CONTAR-SE DE UM PROFESSORA RESILIENTE:
UM PROCESSO COMO PRETEXTO PARA
EFETIVAÇÃO DA (AUTO) FORMAÇÃO A PARTIR
DE UMA METODOLOGIA ALTERNATIVA



DANIELLE GOLVIM DA SILVA ALENCAR
AMARILDO MENEZES GONZAGA

INTRODUÇÃO

Sou uma mulher preocupada com questões de ordem existencial, porque acredito que o ser humano vive em meio aos anseios, às frustrações, às dificuldades e aos desafios a serem superados no protagonismo das nossas histórias. Sempre fui movida por minhas experiências e errâncias ao longo da minha caminhada. A vontade em querer compreender-me sempre existiu dentro de mim, por isso busco experiências em inúmeras realidades, levando-me a identificar perceptíveis desgastes físicos e psíquicos, que me levaram a dúvidas e questionamentos, levando-me a buscar o entendimento do que era aquilo que se manifestava, afetando nossas vidas, exigindo que nos reinventemos, mais fortes e capazes de superarmos os desafios.

Todos os dias ainda me sinto impulsionada a acreditar que quando superamos os inúmeros desafios, tornamo-nos mais fortes e capazes de nos reinventarmos, fortalecendo-nos para o enfrentamento dos desafios que ainda virão. Atualmente, é uma tomada de atitude imprescindível, principalmente se considerarmos o quadro pandêmico em que nós, professores, e demais profissionais nos encontramos, o qual nos força a aprender a lidar com diferentes aspectos de uma situação histórica atípica, ora sobrecarregando-nos com atividades, ora amedrontando-nos com o novo.

Sou professora e sempre quis ser uma educadora diferente, aquela que faz as crianças terem vontade ir à escola. Do vivido por mim, professora, sempre me dei conta da necessidade de me reinventar e superar os desafios que aparecem no meu cotidiano. Foi assim que cada vez mais me descobri uma pessoa resiliente e comecei também a me interessar pelo tema da Resiliência. Para tanto, fui em busca de métodos e práticas diferentes, me reinventei, e ainda assim, parece que sempre poderia ter feito melhor... Resiliente, não apenas para mim, mas para o outro, que professora, pesquisadora, e ser humano poderia ser se não contribuir de maneira significativa para o meu meio? Resiliente pessoal-profissional, pois de que maneira eu como professora consciente das diversas adversidades do ambiente educacional poderia adaptar-me perante elas?

Esse trabalho investigativo, por exemplo, resulta dessas reflexões, que venho sistematizando, a partir das minhas leituras e do que venho vivenciando e experienciando na minha vida pessoal e profissional. Nessa perspectiva, tenho interesse em aprimorar meus conhecimentos sobre o desenvolvimento da resiliência no processo formativo de professores,

na formação e autoformação em uma dimensão diferenciada, em um processo de formação marcado por peregrinações sobre as trajetórias formativas de quem vos escreve.

Para ser mais precisa, quanto ao sentido do tema em questão na minha vida acadêmica, essa ideia advém desde o meu ingresso na Universidade Federal do Amazonas, uma vez que ao longo de todo processo formativo percebi que precisava compreender-me para encontrar minha identidade enquanto professora. Foi pegando forma no Curso de Especialização em Investigações Educacionais, proporcionado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, no qual ao dar-se início na construção de um memorial formativo para relatar nossa caminha profissional e pessoal, observei que através das narrativas poderia compreender o meu eu.

Para compreensão e aprofundamento do tema em questão, construí o seguinte problema a ser investigado: O que quer uma professora, quando faz uso de narrativas de professores em formação sobre o tema **resiliência**, a partir de uma metodologia pautada em **cartas autobiográficas**? E como esses registros ganham sentido, quando sistematizados em um **podcast**, utilizado como estratégia em **processos formativos de professores**?

Para obtenção de respostas mais precisas na compreensão do problema a ser investigado, em um processo digressivo, construí as seguintes questões norteadoras: O que uma investigadora discorre a respeito de suas considerações sobre o percurso investigativo que fará, considerando proposições de um método/metodologia de pesquisa em narrativas? A partir da escuta do outro, o que professores em formação contam, em suas cartas, a respeito do tema Resiliência? Que tipo de produto educacional, com narrativas autobiográficas, que vislumbre a discussão do processo de resiliência, é possível de ser elaborado, aplicado e avaliado, como contribuição no processo formativo?

Ao estudar o problema a ser investigado, pensando em como sistematizar as respostas para ele, assim como para as questões norteadoras apresentadas, elaborei o seguinte objetivo geral: Compreender narrativas de professores em formação sobre o tema Resiliência, adotando a metodologia de cartas autobiográficas, como subsídios para a elaboração de um vídeo educacional, a ser aplicado e avaliado em processos formativos de professores. E para sustentar as questões norteadoras, elaborei os seguintes objetivos específicos: Discorrer a respeito de considerações de um percurso investigativo, considerando proposições de um método/metodologia de pesquisa em narrativas. Analisar o que professores em formação contam, em suas cartas, a respeito do tema Resiliência. Elaborar um podcast, pautado em

narrativas autobiográficas, que vislumbre a discussão do processo de resiliência, como contribuição no processo formativo de professores.

Sendo assim, o que desta investigação for apreendido deve ser multiplicado para outros professores em seus processos formativos e de atuação, para qual a pesquisa-formação proporciona subsídios para adquirir os conhecimentos epistemológicos para essa construção e compreensão enquanto docente. Que desenvolva a autorreflexão referente a quem somos, ao que fazemos, o que desejamos ser..., mas em um formato acessível e breve, que oportunize quem o leia de criar seu próprio experimentar a partir da minha navegação; afinal, cada qual parte de seu próprio porto e tem o próprio destino desejado em mente, onde meu contar-se será apenas um vislumbre de que se pode chegar seguro mesmo ante aos desafios do percurso.

Muitas vezes, saber que sujeito eu quero formar não é suficiente, principalmente quando não estou capacitado para tanto; daí a necessidade de se refletir a respeito dessa realidade a partir de um olhar investigativo mais apurado, e que por si só, possibilitem a organização de um produto educacional com o objetivo de contribuir para novas pesquisas na área.

CAPÍTULO 1 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERCURSO INVESTIGATIVO

1.1. Perspectivas sobre Método e Metodologia

Ainda durante o meu período de formação inicial, ouvia falar sobre o método e metodologia como um “bicho de sete cabeças”, e assim imaginava, talvez por não ter o conhecimento necessário sobre. grosso modo, arrisco definir o método como uma maneira de se fazer algo sistematicamente, um conjunto de etapas, de regras e processos que ao ser executado facilitam a obtenção de conhecimentos sobre os fenômenos pesquisados. E metodologia? Poderia ser o estudo crítico e analítico dos métodos.

Entretanto, metodologia e método sempre foi de um nível de complexidade para mim. Confesso que o tema não foi muito do meu interesse, todavia, sempre foi necessário buscar possibilidades de compreendê-los, já que todo processo de construção do conhecimento requer “mergulhos profundos”, que sem a clareza do método e da metodologia, torna-se difícil avançar no respectivo processo. Inclusive há inúmeros e variados métodos, e certamente muitos deles são conhecidos, o que permite, também, muitas possibilidades de definições. Se nos dermos conta, nossas ações são cercadas de métodos, pois sempre seguimos uma ordem de ações. Sendo assim, mesmo com tantos métodos expostos e pesquisados, senti a necessidade de demonstrar como construí a definição que pretendo legitimar nessa investigação, a partir do que discorro a seguir.

Partimos da definição do termo método ainda na antiga Grécia, em que *methodos* significava “caminho para chegar ao fim”. Logo, desde àquela época já se atentava para a importância dada ao planejamento, no processo de execução de ações, para efeito de transformação de ideias em fatos. Em décadas mais recentes, temos, por exemplo, Trujillo Ferrari (1982), que nos afirma que método significa uma forma de proceder ao longo do caminho, evidenciando que, na pesquisa científica, o Método é a forma com que o investigador escolhe para ampliar seu campo de conhecimento sobre determinado objeto ou fenômeno. Com quem também corrobora Gil (2009), que nos diz que o método é uma série de procedimentos técnicos e intelectuais adotados para atingir um conhecimento determinado. Não muito diferente do dito por Severino (2007, p. 102), quando afirma que “A ciência se utiliza de um Método que lhe é próprio, o Método científico, elemento fundamental do processo do conhecimento realizado pela ciência para diferenciá-la não só do conhecimento comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana, como a filosofia, a arte e a religião.”

Como foi possível de ser observado, existe inúmeras definições de métodos, perceptível essa diversidade na literatura, dada a peculiaridade de cada investigador e seus diferentes paradigmas. Inclusive Minayo (1996, p.46) afirma que “cada autor tem peculiaridades em sua forma teórica de concepção e análise da realidade”.

Aproveito, para ratificar, novamente Gil (2009, p. 09), quando afirma salienta que

Os métodos esclarecem acerca dos procedimentos lógicos que deverão ser seguidos no processo de investigação científica dos fatos da natureza e da sociedade. [...] os métodos possibilitam ao pesquisador decidir acerca do alcance de sua investigação.

Ressalto que o método não é uma receita pronta, e nem proporciona tal, o que de fato o método nos proporciona é a orientação que facilitará a investigação, formulação de hipóteses, realizar as experiências e a interpretação dos resultados. Inclusive essa orientação pode falhar, por não existir uma verdade absoluta, fazendo com que o método seja aperfeiçoado de acordo com vivência experienciada ao longo do caminho da investigação, de maneira significativa, fazendo a total diferença no pesquisar.

E a metodologia? Para Fonseca (2002), é o estudo da organização dos caminhos que provavelmente irão ser percorridos para realizar uma pesquisa. Etimologicamente como já fora descrito acima, metodologia significa estudos dos caminhos e das ferramentas utilizadas para cientificamente fazer uma pesquisa. Todavia, Tomanik (1994) afirma que não devemos enxergar a metodologia apenas como um conjunto de regras sobre como fazer uma pesquisa. Visto que ao pensar assim levamos a compreensão de que todas as pesquisas são realizadas de maneira semelhante.

Minayo (2007, p. 44) define metodologia como

(...) a) a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

A metodologia nos possibilita discutir o “caminho do pensamento” do objeto ou tema investigado, nos permite mostrar a partir de métodos e instrumentos a natureza do objeto, e

do investigador. Dar um lugar de fala a quem pesquisa, abre possibilidades para que o pesquisador deixe sua “marca pessoal”, e apresente novas perspectivas sobre algo já discutido na sociedade.

Conforme o exposto, a metodologia tem interesse por validar o caminho escolhido pelo pesquisador para chegar ao fim definido pela proposta da pesquisa. Sendo assim, a metodologia vai para além da descrição de procedimentos e técnicas, uma vez que instrui sobre a escolha teórica feita para explicar e compreender o objeto ou fenômeno de estudo. Logo, mesmo que metodologia e método não sejam a mesma coisa, estes dois são inseparáveis, sempre interligados, um dependendo do outro (MINAYO, 2007).

Metodologia é muito mais que regras, e por muito tempo acreditei que ela era apenas o caminho da investigação, mas na verdade ela é a bússola. A metodologia nos guia através de suas estruturas e ferramentas, de maneira que possibilita nos reconhecermos nesse caminhar, e deixa nossa marca pessoal na investigação. Se soubermos a qual direção desejamos seguir e que instrumentos utilizaremos no caminho, chegaremos em nossa parada.

1.2. O Método Autobiográfico e a Metodologia das Cartas Autobiográficas

Na condição de investigadora, tenho clareza de que metodologia é o caminho e o método são as ferramentas que utilizarei para prosseguir e ou alterar esse meu percurso investigativo, em evidência, no momento, e corroboro com Gil (2007, 42), quando nos diz que o processo formal e sistemático de desenvolvimento do Método científico visa à produção de conhecimento novo, que pode ser complementado com o posicionamento de Trujillo Ferrari (1982, p.167), o qual afirma que aquela natureza de produção é uma atividade humana, honesta, cujo propósito é descobrir respostas para as indagações ou questões significativas que são propostas.

Zanella (2013, p. 26), por exemplo, reforça ainda mais essa assertiva, ao dizer que

(...) o conhecimento é obtido por crença e, também, pela objetividade e evidência dos fatos. O conhecimento científico exige formulações exatas e claras, pois requer que as hipóteses sejam verificadas antes de as aceitarmos como verdadeiras. Ciência é o conhecimento racional, sistemático, exato e verificável da realidade. O conhecimento científico depende de investigação metódica da realidade, por isso emprega procedimentos e técnicas para alcançar resultado.

Método e metodologia estão intrinsicamente ligados, sem nenhuma possibilidade de desvinculação. Porém, como manter a clareza e a compreensão de todo esse processo, encontrando-me nesse campo tão complexo, que é o sentido dado ao método e metodologia no processo de construção do conhecimento? Faço questão de contar como legitimei essa minha experiência, no relato a seguir.

Através do ingresso no Curso de Especialização, comecei a perceber a Resiliência como um fenômeno, possível de ser investigado, a partir de mim mesma. Parto do princípio de que as inúmeras transformações existentes, e as que irão surgir no cotidiano escolar, tendem a nos exigir uma necessária preparação do professor para adaptar-se perante eles. Daí sentir a necessidade de refletir a respeito dessa realidade, a partir de um olhar investigativo mais apurado, utilizando as narrativas como instrumentos para proporcionar esse lugar de fala, tão particular e subjetivo de cada indivíduo. Assim sendo, evidencia-se que, ao contar de si, o sujeito possui a possibilidade de transpor suas dificuldades e reflexões, uma forma positiva de superar suas adversidades, e ressignificar-se perante elas.

Sempre fui ávida e inquieta a encontrar-me e a compreender-me, portanto, busquei experiências em inúmeras realidades existentes nas instituições de ensino. Tanto que ainda no início da minha caminhada profissional, foram perceptíveis os desgastes físicos, psíquicos de alguns colegas professores. Ali começaram a surgir muitas dúvidas e questionamentos. As inquietações que também surgiam já começavam a me levar a problematizar questões que suscitavam para que eu começasse a compreender que o professor necessitava aprender não apenas métodos de ensino, mas também físicos e psicológicos.

Ao trazer a realidade descrita no parágrafo acima para uma conjuntura social, em que há preocupação tanto com a capacitação do professor ou com sua postura em sala de aula, é relevante trazer para discussão e conseqüentemente reflexão, o tratamento dado à saúde psicológica desses profissionais. Assim, a partir de um olhar diferenciado, em que a Resiliência possa ser vista a partir da autoformação, será possível problematizar aspectos que são totalmente esquecidos nas políticas de formação de professores, como a sua dimensão existencial, seus anseios, suas dificuldades, em meio aos desafios que a realidade atual os apresenta.

Mas, para dar sentido e condição sistemática a todo esse processo investigativo, em um percurso (método), e suas respectivas alternativas de legitimação (metodologia), inseri a narrativa de vida, por entender e defender que, através daquela, podemos compreender melhor a gênese de um conhecimento, se compreendemos um pouco sobre a gênese das pessoas que produzem este conhecimento. Daí também a escolha em narrar brevemente através das cartas autobiográficas, como

meio de compartilhar as inquietações referentes às condições de trabalho que sempre me acompanharam, e ainda me acompanham.

Nos exemplos em que as histórias de vida apresentam, fica muito evidente o quanto as experiências dos indivíduos, em todos os âmbitos, influenciaram o conhecimento por eles produzidos, e seu processo de construção identitária. Saber quem sou e o que pretendo ser é essencial para a minha (auto) resiliência, para transformar-se é preciso reconhecer-se, e que melhor maneira para isso se não contando de si? Para tanto, trago Benjamin (1993, p. 201), para fundamentar a escolha pela narrativa como possibilidade de metodologia para esta discussão, o autor afirma que o “[...] narrador retira da experiência o que ele conta [...]”, ou seja, essas experiências tornam-se as fontes originárias do narrador.

Isto posto, corroboro, ratificando, com Souza (2012, p.46), quando afirma que “[...] narrar histórias e contar a vida caracteriza-se como uma das possibilidades de tecer identidade, de compreender como nos tornamos professores e das configurações que são forjadas nos nossos percursos de vida-formação”.

1.3. Os conceitos que se articulam no sentido dado ao problema investigado

Como já dito anteriormente, sempre tive uma inquietação referente a minha identidade enquanto mulher e professora, e isso assustou-me, demasiadamente... Durante a minha jornada sempre fiz o que podia para não deixar margem ao erro, talvez por perfeccionismo, não sei ao certo; mas compreendo que foi a errância ou o querer não errar que me motivou ir em busca de métodos ou estratégias diferentes e ser resiliente. Entretanto, o que é resiliência, e como apresentar e socializar esse processo de maneira significativa?

Flach (1991) em seus estudos realizados no campo da psicologia referente a resiliência me leva à compreensão de que ela é um processo em que o ambiente e as influências recebidas pelos sujeitos precisam ser elaborados de forma a permitir que a pessoa possa se adaptar perante as dificuldades e caso não ocorra, ela não alcançará potenciais possíveis, mas imergirá em uma inércia psicológica (autoabandono), o que naturalmente, não é saudável nem desejável.

Os pesquisadores compreendem a resiliência como um processo a ser desenvolvido na interação do sujeito com sua história de vida, seu meio social e com a adversidade com que se encontra e irá se encontrar, a resiliência é mais um processo, do que um traço. Melillo, Estamatti e Cuestas (2005), afirmam que a resiliência possui alguns pilares: introspecção,

independência, capacidade de se relacionar, iniciativa, humor, criatividade, moralidade e autoestima consistente.

Somos biologicamente programados para a resiliência, a resistência psíquica que ao passarmos por um momento de medo ou ansiedade, automaticamente o nosso cérebro ativa o córtex pré-frontal esquerdo, em um processo que diminui a ansiedade e as emoções baseadas no medo, deixando o cérebro livre para definir objetivos: resiliência pode então também ser definida fisiológico-psiquicamente como a racionalização das emoções, definindo um novo estado mental cujo sentimento-produto, supera as emoções produzidas no sistema límbico, nos deixando prontos para agir em um sentido produtivo (SCIENTIFIC AMERICAN, 2015).

Aparentemente, é possível confundir a resiliência como traço e não processo, entretanto, devemos ter a clara concepção da resiliência adotada. Aqui não concebemos a resiliência como um traço natural, e sim como um processo. Um processo inconsistente, visto que a resiliência se transforma se as circunstâncias forem diferentes, cada processo de enfrentamento ocorrerá de maneira singular, e o resultado do processo dependerá de quem enfrenta e como enfrenta o conflito. Contudo, a pesquisa referente a resiliência deve ser pautada por escolhas, cada pesquisador deve escolher que fenômeno e caminho irão seguir: a resistência ou superação. A escolha é o que definirá a sua concepção de resiliência.

O processo de resiliência no ser humano é descrito por Grotberg (2005, apud CASTRO 2001) como a “capacidade universal que permite uma pessoa, grupo e comunidade prevenir, minimizar ou dominar os efeitos nocivos dos momentos de dificuldade”. Ou seja, resiliência para o adaptar-se psiquicamente após algum trauma ou adversidade, principalmente no meio educacional, no qual o educador enfrenta os mais diversos obstáculos em seu contexto escolar, no sentido pedagógico, e principalmente psíquico.

É nessa perspectiva de incompreensão do fenômeno que são gerados muitos questionamentos, e o caráter investigativo surge. O que devemos contar de si para contribuir em nosso meio social? E de que maneira isso contribui para o nosso processo resiliente? O que contar quando se exercita o sentir-se professor?

Busca de respostas a esses questionamentos são prementes, na atual conjuntura, visto que temos uma sociedade marcada por inúmeras mudanças sociais, ambientais e econômicas, que afetam o sujeito e suas relações com o meio. Tal situação busca a reflexão acerca da importância da resiliência humana, definida como a capacidade de adaptação que o indivíduo possui diante dos diversos graus de obstáculos (MACHADO, 2015, p. 02).

Poletto e Koller (2006) afirmam que essas inúmeras dificuldades sociais e econômicas existentes podem ocasionar riscos à saúde humana de maneira integral, entretanto, alguns

estudos realizados afirmam que um número expressivo de pessoas possui a capacidade de se adequar e superar suas adversidades.

O termo resiliência de acordo com Angst (2009, p. 254) surgiu no âmbito da física e engenharia, e somente há pouco tempo foi reconhecido na área de Ciências Sociais e Humanas. Um dos primeiros autores a discutir sobre o conceito de resiliência foi Frederic Flach em 1996, e ele afirmava que ser resiliente depende da habilidade de reconhecer a dor pela qual se está passando, percebê-la e tolerá-la, até que seja capaz de resolver o conflito de maneira construtiva.

Entretanto, não existe uma única conceituação de resiliência, é um tema demasiado complexo com as mais variadas definições, por exemplo:

A resiliência é entendida como a capacidade de resistir às adversidades humanas (Pereira, 2001, p. 87).

Caracteriza-se como um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilita ter uma vida *sadia*, mesmo vivendo em um meio *insano*” (Melillo, Estamatti e Cuestas, 2005, p. 61).

Pessoas com boa capacidade de resiliência, ao invés de permitir que os acontecimentos inconvenientes às aflijam, superam as adversidades e utilizam os contratempos como fortalecimento e aprendizagem para enfrentar outras situações que surgirem (MACHADO, 2015, p. 04).

Cyrułnik afirma a fala de Flach quando diz que a resiliência é um processo de superação, resultante de uma interação entre os fatores pessoais, ambientais e sociais. Não é apenas um processo de adaptação, é a elaboração de novos caminhos e se refazer do trauma experienciado, e a verdadeira ressignificação de uma experiência ruim, com a finalidade de retomar uma nova direção (SEQUEIRA, 2009 apud KINDI, 2012, P. 8).

Libório, Castro e Coêlho (2006) afirmam, “(...) é difícil lidar com a variação nas definições e no uso das terminologias na literatura teórica e de pesquisas sobre resiliência porque ela reflete pouco consenso, com variação substancial na operacionalização e avaliação dos construtos” (p. 108).

E entre tantas definições, é nos estudos realizados no campo da psicologia referente a resiliência que nos leva a compreensão de que ela é um processo em que o ambiente e as influências dos sujeitos podem vir a permitir ou não que a pessoa possa se adaptar perante as dificuldades. E as escolhas dos sujeitos influenciam na definição do termo, algumas pesquisas sobre resiliências estudam sobre os sujeitos que após uma situação de conflito, se abalavam, se recuperavam e transformavam-se (Cyrułnik, 2001; Grotberg, 2005; Walsh, 2005), e

existem outras que investigam de que maneira os sujeitos que estão em conflitos potencialmente traumáticos, se quer abalavam-se (Trombeta e Guzzo, 2002).

Relembro que durante as situações conflituosas vivenciadas por mim em meu percurso pessoal e profissional, o processo de resiliência existiu porque vi a necessidade de refletir para melhorar não apenas o meu contexto, mas de quem fazia parte dele junto a mim, onde minhas bases ontológicas foram essenciais na ressignificação dos eventos transcorridos.

Tal fato remete-me à narrativa da identidade e história redentora, do psicólogo Dan McAdams (2001) apud Vieira e Henriques (2014) que tem como princípio a ideia de que a história contada por uma pessoa acerca de sua vida pode ser tomada como um retrato de seu próprio *eu*, forjando sua identidade: uma história internalizada que criamos sobre nós mesmos a partir das escolhas narrativas que tomamos referente a eventos mais marcantes, bons ou ruins, visto que, são essas experiências que nos ajudam a encontrar um caminho e nos moldam enquanto pessoas. Logo, as narrativas que construímos podem nos proporcionar efeitos construtivos ou destrutivos.

A narrativa permitiu-me refletir em relação a minha docência e minha ação enquanto pessoa e mulher, e em meio a inumeráveis pensamentos percebi o quão relevante é, e que deveria ser de natureza profissional e pessoal exigir o ato reflexivo de nossa ação educacional e humana (BUENO; SOUSA; CATANI; SOUZA, 1993) o que remete a Schon (2000) quanto à racionalidade prático-reflexiva crítica e intencional proveniente da ação do professor ao se deparar em sua atividade profissional, com as incertezas do ambiente escolar.

Schon (2000) contribui comigo quanto a ser um professor que observa e reflete sobre suas ações e ocorrências em sala de aula, para poder resolver os problemas encontrados, tendo a reflexão como essencial à docência, como ação educacional e humana para me reconstruir com a possibilidade de reconstruir o outro, o que entendo como integrante ao processo de ensinar e também processo formativo docente.

Nesse contexto, as Cartas Autobiográficas como instrumento de (re)contar minha ressignificação dos eventos experienciados, oferta reflexão crítica referente a Resiliência onde reconstruo a realidade na qual estou inserida, percebendo detalhes e subjetividades que passaram despercebidas ao longo da minha jornada e que foram/são essenciais para a minha ressignificação.

Souza (2007) afirma que o professor reconhece sua situação de sujeito quando escreve sobre si: os registros referentes às suas experiências do cotidiano o auxiliam na organização de ideias e reconstrução da sua ação; o que coaduna com as Cartas Autobiográficas, por ser

instrumento para este exercício, possibilitando a transformação que nos leva a desenvolver inclusive a resiliência.

A escolha para essa metodologia surgiu da perspectiva de que através dela ocorre a valorização do desenvolvimento profissional do indivíduo, levando em conta o seu autoconhecimento, seus diferentes saberes e suas experiências construídas ao longo da vida.

É isso que nos leva a autobiografia, essa que não é um simples gênero literário, e caracteriza-se pela construção do eu, é um exercício de si através da leitura realizada pelo remetente de suas próprias palavras no texto escrito, assim como as respostas que recebe pelo destinatário. A carta oferece uma reflexão de si, “como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo” (Foucault, p.157).

Esse uso das narrativas em pesquisas científicas nos possibilita uma ruptura com os protocolos e estruturas existentes no mundo da investigação. Busco assim, investir em outras possibilidades narrativas, outros conhecimentos e formas de expressão, recorrendo a formas diferenciadas de escritas em uma pluralidade de conhecimento.

Reconheço que essa metodologia de pesquisa é inovadora e desafiante, todavia, Paraíso (2012, p. 24) afirma: “inventamos modos de pesquisar a partir do nosso objeto de estudo e do problema de pesquisa que formulamos. Como estamos, permanentemente, à espreita de uma inspiração, aceitamos experimentar, fazer bricolagens e transformar o recebido”.

Partindo disto, apresento os resultados e construção das minhas investigações de uma forma diferenciada no meio acadêmico, mas nem por isso sem o rigor científico. A escolha justifica-se a partir das afirmações de Larrosa (2004, p. 17), de que “o tempo de nossas vidas é constituído pelo passar do que nos passa, por nossas experiências. No entanto, uma vez interpretada, a experiência pressupõe também uma articulação temporal.”

Porém o que são cartas autobiográficas e como elas contribuem para a resiliência do professor?

Há algum tempo busco tentar expressar-me de maneira diferenciada no mundo acadêmico, uma linguagem que envolva de maneira significativa o leitor, e nessa busca de outros conhecimentos e formas de expressão, encontrei as narrativas. Esta que recorre a formas diferenciadas e enriquecedoras de escritas, em uma pluralidade de conhecimentos e saberes (OLIVEIRA, 2010).

Ao dar início as minhas reflexões observando que a construção da minha pesquisa envolver as escolhas pessoais e profissionais realizadas ao longo da minha jornada. Entre tantas dúvidas e receios, tenho certeza de que minha pesquisa abordará a experiência

profissional por meio de algo muito singular e significativo, a coleta e reflexão das experiências e vivências existente na minha história, essas que influenciaram e ainda influenciam demasiadamente na construção da minha prática docente.

Desde já, ressalto a importância de compreendermos o nosso processo de vida e formação. Nessa perspectiva, a elaboração dessa pesquisa foi possível a partir do entendimento de que a autobiografia é uma metodologia para pesquisas em que as histórias de vida e formação que nos permita chegar até as inúmeras percepções dos espaços escolares, e de si.

Lopes (2004, p. 226) afirma que,

Como todos sabem, memória é palavra que tem muitas acepções. Memória é área de estudo da psicologia; é linguagem informática. Os materiais têm memória (assim dizem os engenheiros e eu acredito); o corpo tem memória (assim dizem os fisioterapeutas e eu acredito). Memória não se separa de esquecimento, quando é de psicanálise que se trata. A memória faz parte da história e historiografia em todas as suas especialidades e com ela toda a carga de lembranças, suvenires, esquecimentos, alegrias e dores. Assim mesmo, tudo no plural. A lembrança e o esquecimento são singulares, por isso têm de ser inscritos assim plurais sempre. Mas memória é também relação, relato, narração, e então existem os memorialistas (os que escrevem Memórias) e o memorialismo (tanto o conjunto de Memórias quanto seus estudos).

Memória sugere esquecimento, coisas que vamos esquecendo no cotidiano, memória sugere ainda lembranças, coisas que gostamos de relembrar, uma data especial, um presente..., mas, e o que não queremos ou gostamos de lembrar?

De acordo com Izquierdo (2004) memória é a aquisição, conservação e evocação das informações, dos fatos vividos por cada indivíduo. Diz ainda que “nada somos além daquilo que recordamos”. Somos formados por memórias, nossas ações são realizadas por influência de memórias, o autor afirma ainda que “esquecemos para poder pensar, esquecemos para não ficarmos loucos; esquecemos para poder conviver e para poder sobreviver”.

Nesse sentido as cartas autobiográficas tomam um sentido muito particular e subjetivo, expor experiências tão singulares que estavam adormecidas nos trazem uma nova reconstrução de si, um transforma-se, uma adaptação. A resiliência surge, reconhecer-se requer vigor, superar quem éramos para compreender quem somos e repensar em um futuro é algo extremamente complexo.

Temos, diante de nós, a oportunidade das experiências vividas que ao ser compartilhadas traz não apenas a possibilidade de ressignificação pessoal e profissional, mas também a oportunidade para a reflexão de outros, mostrando e descobrindo modos próprios de construção do saber.

Josso (2008) nos diz que os relatos autobiográficos evidenciam as confluências entre o pessoal e o profissional em articulação com o temporal. Essa memória autobiográfica, nos traz relatos das experiências de vida e trabalho, abrindo a possibilidade de reflexão para o investigador-narrador, uma abertura para a compreensão das trajetórias dos indivíduos e das culturas, no contexto constante de mudança.

A proposta trazida pelas cartas autobiográficas nessa investigação é as representações da memória autobiográfica, e sua relevância enquanto característica das identidades dos indivíduos. Trago as experiências como ferramenta relevante na busca dos sentidos das trajetórias, em um processo de reconhecimento, ressignificação e resiliência para autoformação do ser professor.

Na escrita das narrativas autobiográficas, encontramos elementos que são trazidos pela memória das experiências de vida e trabalho que nos deram novas possibilidades de perspectiva. Acreditamos que essa escrita autobiográfica nos ajuda na construção de significados que incorporam e irão incorporar as experiências e conhecimentos adquiridos ao longo da vida, e como se deu o processo de resiliência.

As cartas como metodologia de investigação-formação, na perspectiva do indivíduo que é objeto e sujeito da formação, Josso (2002, p. 21) destaca o conceito de projeto, como possibilidade de ampliação dessas discussões, e aponta a história de vida como método de investigação-formação. É nesse sentido que a pesquisa em desenvolvimento tem como objetiva refletir os aspectos da vida e formação desta educadora por meio da sua autobiografia, para compreender o tratamento dado a resiliência por ela durante toda sua jornada pessoal e profissional.

Sigo essa proposta da investigação-formação na pesquisa, para o resgate da minha trajetória de vida e trabalho, por meios das narrativas autobiográficas, mas especificamente, as cartas. Percebo que os relatos das minhas experiências são portadores de elementos fundamentais para compreensão e articulação da construção da minha identidade enquanto professora e investigadora resiliente.

Pineau (2000), afirma que quando resgatamos as narrativas dos indivíduos, trabalhamos com a lembrança única, a experiência solitária da qual o informante é a única testemunha. Mas, não se pode esquecer que o “eu” faz parte de uma comunidade afetiva que

contém e traz todo o contexto das situações sociofamiliares partilhadas, por e com outros membros do grupo. Ou seja, nunca estamos só, o contexto no qual estamos inseridos são repletos de marcas e ações feitas não apenas por nós, mas por quem também convive conosco. O outro é extremamente importante para que possamos nos reconhecer e por muitas vezes através deles também podemos nos transformar.

As cartas que futuramente apresentarei, foram escritas por professores com experiências completamente diferenciadas, com sentindo ampliado e singular, além do resgate pessoal, propõe-se nas cartas um processo de refletir acerca de sua reconstrução, resiliência e ressignificação das histórias e identidades até então vividas e construídas.

Esse processo, apoiado nas narrativas autobiográficas, aponta para a identidade como elemento essencial para acompanhar a construção de um sentido para trajetória de vida narrada como uma história. Entendemos por trajetória de vida ou trajetória identitária o processo de apreensão da realidade da qual cada indivíduo, mergulhado numa cultura, seja ela social ou familiar, abstrai, a partir de sua percepção única, reorganiza e transforma em um novo projeto de vida.

Como diz Izquierdo, “somos quem somos porque nos lembramos... a memória estabelece nossa individualidade”, o indivíduo é influenciado e influencia, é um processo constante, formando essa corrente sem fim, que constrói e dá sentido à trajetória humana.

Lévy e Authier afirmam

Toda a minha vida está impregnada de saber[...] porque a linha da existência está sempre duplicada por uma linha de conhecimento que a recruza, a desposa e a ilumina. Porque o saber é uma dimensão do ser (1995, p. 100)

Somos assim, certo? Somos nossas escolhas e conseqüentemente os resultados destas que nos trazem experiências pessoais e subjetivas, em meio a uma teia de relações sociais. Fios que se entrelaçam interna e externamente, formando um tecido no qual fazemos parte.

É esse o caráter a ser dado entre nossas cartas, tecer na relação com o outro a permissão para refazermos nossas histórias, nas lembranças, acrescentando elementos das nossas vivências. Entendendo que as situações narradas nas cartas são revividas e refletidas ao longo desse processo de rememoração.

Nesse sentindo, aqui a narrativa torna-se relevante para o contexto de formação em que se concebe o ser professor como narrador, escritor e personagem de sua própria história. Souza e Cabral (2015, p. 151), afirma que as pesquisas revelam que os professores ao expor seus dilemas do seu fazer docente, transportam sua trajetória de vida. Isso proporciona a outros professores, novas

perspectivas de conceber sua prática profissional e promover mudanças significativas na formação docente.

Partindo disso, nossa metodologia segue a finalidade de ter e levar a compreensão da historicidade do sujeito, do voltar para si num processo de reflexão, enxergar o seu transformar, em um processo incessante de resiliência do ser e do saber.

1.4. Etapas da Investigação

1.4.1. A construção do Primeiro Capítulo

Caro leitor, é compreensível que as experiências vivenciadas nas inúmeras etapas da minha vida, algumas adormecidas, porém jamais esquecidas, estão sendo utilizadas como instrumento para a reflexão da relevância dessas experiências para uma melhor compreensão de mim e do meu contexto pessoal e profissional, assim levando a ressignificação da reconstrução do meu eu. E é baseada nesta narrativa que dei início a construção de minha investigação.

Foram incontáveis os dias de busca por conhecimento necessário para fazer-me compreender as indagações construídas para nortear essa pesquisa, uma escrita não apenas vinculada a um Mestrado de Educação, mas para situar a quem irá ler esta pesquisa sobre as possibilidades do desenvolvimento da resiliência por meio da escrita de cartas autobiográficas no processo formativo de professores.

Quando minhas limitações não me permitem ir para além daquilo que é possível ver ao horizonte, resta navegar pelas estrelas: lições passadas através das gerações para o marinheiro incauto, pela prática ontológica de autoavaliação: por que penso assim? Por que acredito nisso? Por que defendo esta ideia?

Partindo disso, neste primeiro capítulo trouxe as considerações sobre meu percurso investigativo de maneira estruturada e detalhada, iniciando a reflexão a partir das perspectivas sobre o método e metodologia utilizados em minha investigação, com uma visão pessoal, conceitual e teórico referente a autobiografia e as cartas autobiográficas. Trouxe as implicações das narrativas autobiográficas no processo de formação do ser professor, e como a resiliência pode contribuir nesse processo de autoformação, e de que maneira a ela me permitiu compreender a ipseidade, esse conhecimento de si.

Escrever as páginas desse primeiro capítulo foi tempestuoso... A busca por conhecimento foi árdua, não por falta de material, mas por condições emocionais. A pesquisa na pandemia foi/é difícil, coloquei em prática a resiliência sobre a qual tanto estudo para que eu pudesse concluir. O mar se agitou inúmeras vezes e tive que segurar com todas as forças o leme para que o barco não segua sem rumo o caminho do forte vento.

Todavia, foi gratificante ir a busca de autores que vislumbraram esse caminho da autobiografia, me construí e reconstruí inúmeras vezes durante as diversas leituras realizadas, e percebi que a tanto a metodologia e o método articulam-se as mudanças realizadas na minha caminhada e na pesquisa.

A Autobiografia fez-me refletir a necessidade que tenho de compreender o sentido da minha história a partir de minhas raízes. É nesse sentido que abordo neste primeiro capítulo os conceitos que se articulam no sentido dado ao problema investigado, buscando entender as implicações desses conceitos no meu processo de formação.

Sendo assim, nesse primeiro momento fiz um recorte teórico sobre os conceitos, no sentido de compreender os movimentos que estão se construindo nos estudos no campo da formação de professores. Apresento brevemente alguns princípios metodológicos e metodológicos que sustentam a pesquisa com a autobiografias e as cartas autobiográficas no desenvolvimento da resiliência, e suas implicações como instrumento de formação e autoformação no processo de formação de professores. Sendo assim, busquei conceituar de maneira singular essas noções com o sentido de estabelecer a compreensão das experiências como habilidade formativa e auto formativa para a formação de professores.

1.4.2. A Construção do Segundo Capítulo

A partir da escuta do outro, irei descobrir o que professores em formação contam, em suas cartas, a respeito do tema Resiliência. Neste pensamento, vislumbro a construção da autobiografia não apenas como uma narrativa de vida, mas como resultado de um processo de reflexão a meio caminho da jornada, seguida pelo indivíduo no decorrer da vida, com cada etapa dessa jornada se constituindo fim de uma interrogação e ponto de partida de outro questionamento (SANTOS; GARMS, 2017).

E é nessa perspectiva da subjetividade da escuta e escrita do outro que trago para discussão o processo da leitura e a escrita de Cartas Autobiográficas no processo formativo de professores.

As cartas, sejam elas mapas, eletrônicas ou de papel, nos permitem ter um olhar referente a temporalidade em diferentes espaços de tempo nas histórias contadas e nos momentos que os episódios narrados eram ressignificados no presente por cada pessoa que a escreve, seja em posição de remetente ou destinatário. Nos traz uma relação na qual podemos ver o mundo pelos olhos de quem escreve, e nos possibilita a ampliação de saberes sobre um indivíduo e seu ambiente social, sua cultura e conhecimento.

A escrita nos possibilita registrar informações, pensamentos e ideias, transpõe a fala para o papel, possibilitando o compartilhamento de sua escrita e a ressignificação dela. O hábito de escrever deveria ser diário, tal como um Diário, um caderno de anotações, a escrita leva suas perspectivas presentes para o futuro e permite ainda revisitar o passado por meio delas (ALBUQUERQUE, 2017, p. 3).

Hoffman (2002) apud Babadana e Marques (2004), diz que a escrita é o produto visível da educação. É por meio da escrita que podemos manifestar nossas concepções, histórias e pesquisas, é como temos a oportunidade de compartilhar com outros sujeitos aquilo que já sabemos ou que não sabemos. Nós enquanto ser pensantes devemos ser eternamente emissores e receptores.

A carta versa sobre o singular, histórico e temporal, uma vez que a concebemos como fonte de memória, nestas temos a possibilidade investigar e descobrir informações sobre a vida de quem as escreveu (Morin, 1986). Essas informações nos revelam particularidades das representações e pensamentos, reunindo aquilo que se pode ler e ouvir, proporcionando a possibilidade de ressignificação de si pelo viés da própria escrita.

A escrita aparece associada ao exercício da reflexão do próprio autor. É um exercício pessoal, um combate interno na qual a escrita de si é uma estratégia de luta. Passegi (2008, p. 27) diz que é um modo de:

[...] aparar a si mesmo com suas próprias mãos. Aparar é aqui utilizado em suas múltiplas acepções: segurar, aperfeiçoar, resistir ao sofrimento, cortar o que é excessivo e, particularmente, como se diz no Nordeste do Brasil, aparar é ajudar a nascer. Esse verbo rico em significados permite operar a síntese do sentido de bio-grafar-se, aqui entendido, ao mesmo tempo, como a ação de cuidar de si e de renascer de outra maneira pela meditação da escrita.

Compreendemos que os conteúdos das cartas nos trazem informações imprescindíveis para quem escreve, e para quem também as lê. As informações que

constituem as cartas podem reacender, nos indivíduos (escritor e leitor), um processo de lembrar e reavivamento, pois contam histórias de vida, registros e reiteram significados.

Sendo assim, no que concerne as questões levantadas e os objetivos propostos, será apresentado uma troca de cartas autobiográficas que trazem as experiências construídas ao longo das suas jornadas de vida, almejando que através destas possam lembrar experiências passadas em processo de reflexão, levando à ressignificação, construção e compreensão da resiliência no processo de formação humana e profissional.

Nessa perspectiva, percebo e ressalto que a relação entre emissor/remetente e receptor/destinatário possibilitará a mim e aos meus destinatários uma escrita na qual tenhamos o pensamento narrativo. Como diz Martins e Magno (2016, p. 1) proporcionará refletir, compreender e reconstruir as histórias vividas pelos indivíduos, além de compartilhá-las (apud GONÇALVES, 1999).

E depois dessa intensa troca de cartas, na qual falaremos dos valores, crenças, costumes, comportamentos sociais que não seriam suscetíveis a quantificação, visto que não respondem aos objetivos da pesquisa que busca compreender um determinado fenômeno e não quantificá-lo, utilizarei a triangulação que é uma das estratégias dos estudos qualitativos que envolve variadas perspectivas, estas utilizadas não apenas para dar credibilidade, mas também possibilita a compreensão do fenômeno sob diferentes pontos, considerando assim, a complexidade dos objetos de estudo.

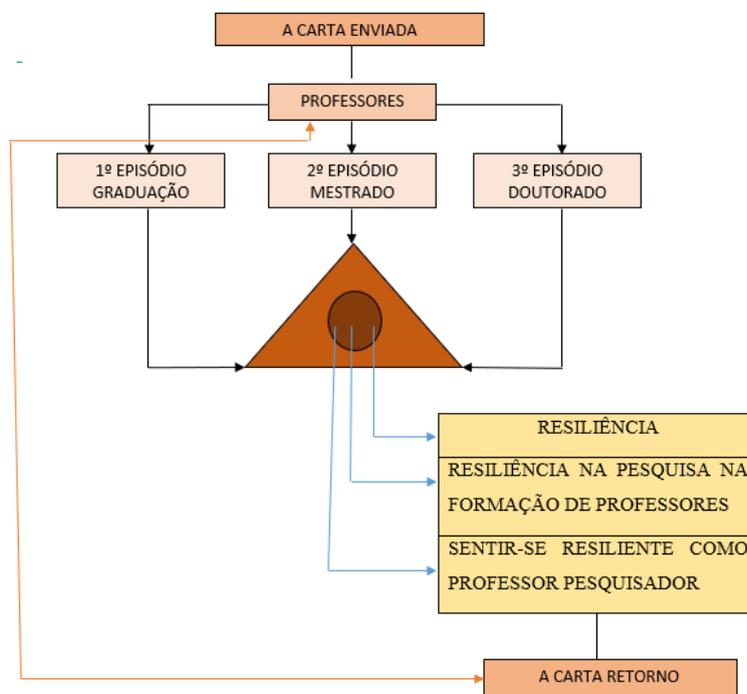
Gomes (2004, p. 69) nos diz que esta articulação entre dados empíricos, autores que tratam da temática estudada e análise de conjuntura, configura-se como uma possibilidade, dentre várias outras, para os que se propõem minimizar o “distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa”.

O conceito de triangulação ultrapassa o explícito e assume uma forma mais complexa. Flick nos diz que devido à pesquisa social estar preocupada com pontos de vistas variados, o uso de apenas uma perspectiva metodológica não seria suficiente para tornar compreensível um fenômeno complexo, portanto, a triangulação é extremamente importante nesse processo, visto que permite a reflexão dos diferentes níveis de profundidade que a descoberta de um fenômeno exige. Dessa forma, o termo triangulação, para Flick, refere-se à busca da compreensão de um fenômeno por duas ou mais perspectivas ou abordagens metodológicas.

Dito isso, esta pesquisa está pautada na preparação do material coletado e na articulação de quatro aspectos, sendo que o primeiro aspecto refere-se a resiliência contada na narrativa contada por mim em minha carta enviada aos professores; o segundo aspecto compreende

com os
em suas

ao diálogo
professores
cartas



autobiográficas; o terceiro aspecto se refere ao vídeo educacional trará reflexões advinda dos processos investigativos; e o quarto aspecto aborda as contribuições dessa investigação para os processos formativos de professores. A articulação desses quatro aspectos para proceder à análise, é explicada na Figura 1.

FIGURA 1: Análise por Triangulação
Fonte:

A triangulação será utilizada com a finalidade de encontrar respostas mais completas e detalhadas possíveis sobre o fenômeno investigado. Nos permite descobrir informações a partir de fontes, espaço e tempo diferentes, pode ainda triangular teorias de distintas áreas de conhecimento. A triangulação serve aos objetivos da pesquisa e, sendo assim, contribui para que os resultados alcançados possam ser constatados a partir de variados aspectos. Para concluir, reafirmo que a triangulação serve à pesquisa, ao problema e aos objetivos que pretendo alcançar.

1.4.3. O Produto: Vídeo Educacional

O vídeo educacional será o fruto gerado nessa árvore de cartas autobiográficas, o construiremos pautado nas narrativas autobiográficas, no qual iremos vislumbrar a discussão do processo de resiliência, como contribuição no processo formativo de professores.

De acordo com Moran (1993), o vídeo é um recurso que possibilita a explanação de conteúdos de maneira dinâmica e simples, propõe questões, amplia informações, motiva o estudo do tema e facilita a compreensão do processo de aprendizagem.

O interesse em relação a construção do vídeo justifica-se porque através deste possam ser utilizados como ilustrações dos conteúdos estudados, e assim podemos ter acesso a escuta das cartas autobiográficas.

[...] Quando utilizamos os meios de comunicação estamos usando sua linguagem e sua aplicação, e que esta é a base do processo de conhecer. O meio-audiovisual não é apenas um recurso didático, mas através dele pode-se criar um novo meio de ajudar a (re) construção do conhecimento. Este processo é possível devido ao vídeo ser um recurso que possibilita a síntese entre imagem e som, gerando as mais diversas sensações dependendo do que se é transmitido, deixando de ser apenas som e imagem, mas também,

uma forma de expressão, expressão esta, que pode gerar no espectador elementos de motivação para novas situações, como um espectador crítico. (VASCONCELOS E LEÃO, 2009).

O vídeo possibilita uma aproximação mais “real” referente ao conteúdo, conseguimos ouvir e enxergar as emoções, sentimentos, expressões, comportamentos... Nos aproxima daquilo que se é apresentando, nos fazendo ter uma maior clareza e compreensão dos conhecimentos transpassados.

Levando em consideração toda essa informação., ressalto que a estrutura do vídeo educacional ainda está em processo de construção, a pesquisa ainda está em andamento, e iremos, num movimento de idas e vindas, ampliar e fundamentar mais o que aqui estamos registrando. O que podemos adiantar é que temos como intenção apresentar de maneira significativa e dinâmica a essência dos fenômenos investigados e as experiências vivenciadas.

CAPÍTULO 2 – O CONTAR DE SI E A ESCUTA DO OUTRO

Ao longo dos estudos e escrita deste projeto, e principalmente das cartas autobiográficas observei que as pessoas estão no centro das grandes construções e transformações teóricas existentes. Por que motivo, devo-lhes informar que fragmentos da história de uma pessoa farão parte de toda a construção e desenvolvimento teórico que aqui se dará. Desde muito tempo busco incansavelmente teorias e pesquisas prontas que explicassem a compreensão de mim e do outro, não as encontrei. Porém, os convido para seguir comigo em uma jornada na qual busco construir a minha própria explicação.

A narrativa, o contar de si pode até ser transformada, deformada e reformada, e produz diferença em quem a escreveu e leu. Nesse sentido, a investigação-formação ou pesquisa-formação, ambas nomenclaturas utilizadas para designar um tipo de formação que tem como suporte a escrita e a narrativa de si, a construção de um conhecimento sobre si a partir de trocas entre pessoas, visto que eu me percebo e compreendo a partir da visão do outro.

Portanto, este segundo capítulo foi elaborado com a finalidade de fazer com que o leitor vivencie a experiência de participar e compreender nossas histórias de vida, pesquisa e formação, a continuação agora que teremos do texto apresentará pequenos fragmentos das cartas autobiográficas de professores que estão em processo formativo no qual as suas singularidades tornam cada narrativa única.



Por meio das cartas trago os principais conceitos abordados nesta investigação, e tento expressar o quanto a experiência nos molda enquanto indivíduos pensantes e agentes do seu próprio caminho, experiências essas que por muitas vezes trazem sentimentos negativos, porém nos ajudam a lembrar como se deu nosso processo enquanto sujeito e professores. Uma

narrativa que não conta as dificuldades e problemas, não dá o suporte necessário na autoformação do leitor e de quem escreve.

A nossa perspectiva ao escrever as cartas é contar um pouco de si, é escutar o outro, e nessa troca de palavras dar início ao processo de compreensão e construção de si, além de compartilhar aprendizagens e experiências. O movimento realizado a seguir é apenas um pequeno ensaio do exercício a ser feito, com mais profundidade, sobre a metodologia de cartas.



2.1. A CARTA CONTANDO DO REMETENTE CONTANDO DE SI

“Oi, colegas,

Espero que você estejam bem! Tudo está uma correria ultimamente, a pandemia me trouxe muita confusão, e agora estou colocando tudo no lugar... Enfim, espero poder expressar e deixar claro algumas coisas para vocês, entretanto, qualquer dúvida, vocês podem perguntar. Agora começo a falar de mim...

Sou criada pelos meus avós, minha mãe ainda era muito jovem quando nasci, meus avós não tiveram acesso pleno a educação, e já não eram tão jovens na minha infância. Meu avô apenas sabe escrever o seu nome, e viajava bastante a trabalho quando eu era criança, minha avó não chegou a finalizar o Ensino Fundamental, tinha toda a responsabilidade da casa e filhos para si, por ela tenho muita admiração e aprendi a como ser forte.

Na minha infância, meus irmãos já eram adultos, eu não tinha muita companhia, apenas dos meus livros e da minha gatinha frajola, que Deus a tenha. Tinha que passar muito tempo sozinha, e eu adorava. A “solidão” nunca foi algo negativo para mim, muito pelo contrário, ficar sozinha trouxe a possibilidade de observar o que acontecia ao meu redor, me ajudou a compreender as situações que permeavam o meu contexto e para além dele. Meus agradecimentos são incessantes a essas duas pessoas (meus avós), visto que foi por conta deles que minha sede por conhecimento e mudança surgiram...

Figura 2 - Meu avô
(Pai)

Figura 3 - Minha avó
(Mãe)

Desde muito pequena imaginava como era o mundo para além das paredes do meu quarto, não tive acesso amplo as informações, apenas descobri o mundo lá fora quando li meu primeiro livro... Era o livro de história do Ensino Fundamental do meu irmão mais velho. Nesse livro descobri a existência de gregos, romanos e espartanos, que no mundo houve inúmeras eras e idades, e que o funcionamento da sociedade é consequência de diversas ações tomadas desde os tempos mais primórdios.

Naquela época eu não sabia, mas foi com aquele livro que tive meu primeiro contato com a educação, depois disso, sempre que via um livro ou qualquer coisa que possuía páginas eu lia com devoção. Fiquei tão entusiasmada para ir à escola, pois era ali que faria várias descobertas e aprenderia coisas novas, eu não fazia ideia de como eu usaria aquelas coisas, eu apenas queria aprender.

Meu processo de formação no Fundamental e Médio foram essenciais para que eu pudesse me descobrir, sempre estava nas bibliotecas e nessa mesma época comecei a assistir bastante filmes, não faço ideia do quantitativo de filmes que já assisti, mas sei que foi assistindo esses filmes, alguns específicos, que ocorreu a descoberta do que eu desejava e precisava fazer. Lembro-me do insight recebido ao ver a cena final do filme “O código Da Vinci”, baseado no best seller de Dan Brown. No qual, Professor Langdon descobre onde Maria Madalena jaz. Aquele simples professor teve a capacidade de descobrir e compartilhar coisas assombrosas e esplêndidas com outras pessoas, fantástico, não?! Necessitava compartilhar tudo aquilo que eu aprendi e ainda iria aprender, e qual a melhor maneira de fazer isso se não for professora?

Lembro que estudava todos os dias em casa, o máximo que eu podia, as provas se aproximaram e nunca desejei tanto algo como passar no vestibular, ler naquele momento não era apenas prazeroso, era uma incumbência. Eu fiz as provas e depois de um tempo sofrendo com crises de ansiedade porque o medo de não ganhar uma vaga era demasiado, descobri que tinha passado... É difícil explicar a sensação, eu juro que ouvi o coração bater... Eu nunca vou esquecer do sorriso da minha mãe e dos olhos do meu pai naquele dia! Foi intenso e realizador.

Cheguei na Universidade Federal do Amazonas, o medo e o nervosismo me assolavam... Talvez, acreditei que aquilo fazia parte do momento, e eu estava certa. Minha turma de pedagogia iniciou com quarenta alunos, foi assustador a princípio, mais ao longo dos anos muitos colegas desistiram e a turma reduziu.

Pela primeira vez em toda minha vida senti que pertencia a algum lugar. Tive acesso a conhecimentos extraordinários e a pessoas únicas. Foi dentro da sala de aula da Universidade Federal do Amazonas que abri a visão, mente e coração, além de descobrir a força do conhecimento. Remeto novamente ao Professor Langdon quando diz que as pessoas quase nunca reparam no que está bem debaixo de seus narizes, a Universidade me possibilitou ter essa visão.

Muitos percalços surgiram ao longo dessa caminhada, afinal eu não era apenas estudante, eu era amiga, tia, irmã e filha. E algumas vezes é preciso fechar nossos livros e assumir outra postura. Oportunidades e momentos são perdidos, amizades se afastam e vivências deixaram de ser compartilhadas. Renúncia, por cinco anos me afligiu, era mais dolorosa do que qualquer outra coisa, porém, a disciplina era necessária.

Principalmente durante o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), o qual precisei ir a campo, fazer pesquisas e escrever em apenas três meses. Duro, maçante e prazeroso, soa até masoquista, e convenhamos que em alguns momentos é assim. Entretanto, o resultado é indescritível, os frutos colhidos são demasiados importantes e motivacionais. Minha

apresentação aconteceu de maneira simples e expressiva, família e amigos estavam lá... Ganhei um dez, porém o mais significativo foram as palavras ditas por pessoas ricas de conhecimento.

Durante a graduação os livros não deixaram de ser meus companheiros, muito pelo contrário, fizeram-se mais presentes em minha vida, principalmente os que se referiam a teorias educacionais. Mas eu necessitava colocar em prática tudo aquilo que eu lia e via nas aulas expostas em sala de aula.



Partindo disto, fui em busca de estágio, a princípio não tinha ambição por dinheiro embora fosse necessário, precisava de experiência e compreender o funcionamento de uma sala de aula. Meu primeiro emprego foi um estágio remunerado pela Secretária Municipal de Educação, fui locada para uma escola de Educação Infantil próxima a minha casa, ali fiz de tudo um pouco, passei por todas as áreas da escola e até professora substituta fui. Lembro-me que a educação passada para as crianças era péssima... Naquela escola aprendi o que eu não deveria fazer.

Meu segundo estágio foi em um Núcleo de Psicopedagogia na UFAM, aprendi muito e tive contato com crianças extraordinárias, fiz amizades e ganhei mestres. Naquele ambiente aprendi a escrever e construir textos acadêmicos, descobri novos métodos e práticas educativas essenciais para minha carreira profissional. Entretanto, eu precisava de mais, nunca gostei de ser metódica, eu tinha que ir em busca de novas experiências, afinal de contas são elas que nos ajudam quando for necessário agir.

Dessa forma, consegui um novo estágio no Centro Educacional La Salle em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, sempre gostei de desafios, porém esse me deixou um pouco nervosa, afinal eu trabalharia como auxiliar de uma das melhores professoras da escola... No começo ela não simpatizava comigo, talvez não quisesse criar laços, mas com o passar dos dias eu consegui ir derrubando o muro de Berlim que ela havia construído entre nós duas. Com aquela professora eu aprendi muito mais do que eu imaginava, aprendi a como ser professora! Ela me ensinou todo o serviço burocrático que nós possuímos em sala de aula, porém o conhecimento mais valioso que recebi dela foi a como ser uma educadora, que precisa ter amor e resiliência para ser professora.

Fui a primeira da família a se formar em uma Universidade... Realizei um sonho que não era apenas meu! E disse aos meus avós que eu não iria parar, e não parei, consegui um emprego como professora titular de uma turma do Maternal, e ao longo de todas as dificuldades e conquistas dentro da sala de aula, percebi que eu queria aquilo para sempre, mas que eu precisava estudar!

Figura 4 - Colação de Grau
– UFAM, 2018.

Em seguida, trabalhei durante dois anos em uma escola de Educação Infantil privada e tive experiências incríveis. É uma sensação indescritível! Estar na sala de aula é desafiador, cada dia uma descoberta e aprendizagem novas, me trouxe perspectivas diferentes, comportamentos modificados e opiniões transformadas todos os dias.

Pouco tempo depois consegui uma vaga no Curso de Pós-graduação em Investigações Educacionais no IFAM, e lá descobri um novo mundo da pesquisa, construí uma nova perspectiva de como ser professora, pesquisadora e mulher! Ali, tive certeza de que precisava de um mestrado, para aprender!

Foi uma experiência incrível! Conheci pessoas maravilhosas, descobri um novo processo de aprender... Tinha medo de viver na escuridão, da falta de conhecimento, de ser

uma professora negativa na vida das minhas crianças e jovens, e para mim, a única maneira de ser uma boa professora era estudar.

Conheci novos métodos e caminhos para o aprender, foi lá que tive o privilégio de conhecer o professor Amarildo, que desde lá sempre tem segurado a minha mão e dado um puxão de orelha sempre que necessário. Foi com ele que tive acesso as narrativas, a perspectiva autobiográfica, fenomenologia... Não sabia o que sei agora, mas todo esse conhecimento deu um novo sentido para o meu caminhar.

Dei início ao processo de inscrição para o mestrado apenas com a intenção de experiência, não imaginei por um minuto que seria aceita. Muita gente acreditava no meu potencial, mas eu achava que ainda não tinha o preparo e conhecimento necessário. Mas eu passei!

E tive medo! Medo sempre me acompanhou, sempre foi meu parceiro, não de maneira negativa, ele me motivou a continuar e não desistir. Nem sempre é uma relação positiva, preciso ter resiliência para compreendê-lo, porém, sempre tudo funciona no final!

Minha relação com medo tornou-se melhor depois do meu início de caminhada na igreja, sou católica, desde criança participo de maneira ativa nas missões existentes na igreja, foi uma maneira que encontrei de estar mais perto de Deus ou dessa força maior que rege o nosso universo. Por lá consigo ajudar pessoas, me sinto forte e bem, e por incrível que pareça, depois de adentrar de maneira mais intensa na minha religião, eu consegui ter outras perspectivas referentes as pessoas, menos julgamento, menos preconceito, mais amor e empatia... E o medo ao longo dessa caminhada tornou-se menos sombrio.

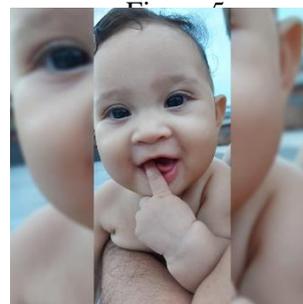


Figura 6- Missão na Comunidade de São Francisco de Assis, 2019.

Eu engravidei, colegas! Grávida, pesquisadora e tudo isso no meio de uma pandemia! Por muito tempo, tive medo de não dar conta, de deixar a desejar, de não ter a dedicação necessária, de que as pessoas me tratassem diferente por causa disso, que mudassem sua perspectiva referente a mim, por eu ser mulher, estar grávida e estar em um mestrado de educação que pede muita dedicação de uma pessoa. Sabemos que existe um tabu e uma visão distorcida com relação a isso...

Mas minha pequena garotinha, Ana Francisca (em homenagem a minha avó/mãe) me deu a força que eu precisava, essa criança em muitos momentos foi o motivo de eu não desistir, e de levantar a cabeça em meio as fortes tempestades.



Eu tive muitas dificuldades durante a gravidez, mais baixos do que altos, ocorreu toda uma mudança em mim, e não foi apenas no corpo, e no biológico, a minha mente está diferente, meu psicológico não é mais o mesmo. Ficar de quarentena enquanto eu perdia colegas e via familiares serem hospitalizados foi doloroso... Por um breve momento acreditei que não conseguiria! É difícil...

Figura 7- Ana (minha filha), 2021.



Tive medo de que o professor desistisse de mim, de que acreditasse que não conseguiria, eu o entenderia, e estava esperando por qualquer resultado. Ainda tenho medo de decepcioná-lo, de não conseguir, de não realizar, mas continuo tentando, não tenho o costume de desistir. E o Professor Amarildo, como sempre segurou a minha mão, meus sentimentos por ele vai para

além de orientador, sempre digo a minha filhinha que ela tem 5 avôs, e o Professor é um deles.

Tudo está muito difícil e ficará mais ainda, entretanto, colocarei mais uma vez ou milhões de vezes em prática a resiliência que sobre tanto escrevo e estudo, não é?

Ainda vivemos em tempos sombrios... E me pergunto todos os dias até quando isso durará! As vezes consigo dar um passo à frente, mas por muitas vezes fico parada e estagnada no mesmo lugar, tenho me martirizado muito por isso, tudo tem sido muito desafiador.

Existe uma fala de Samwise Gangee, personagem do filme “O Senhor dos Anéis – As duas torres” lançado em 2002, um dos meus filmes favoritos, que diz assim:

Na verdade, nem deveríamos estar aqui, mas estamos. São como nas grandes histórias. As que tinham mesmo importância. Eram repletas de escuridão e perigo. E, às vezes, você não queria saber o fim... Por que como podiam ter um final feliz? Como podia o mundo voltar a ser o que era depois de tudo isso? Mas, no fim, é só uma coisa passageira, até tudo passar. Um novo dia virá. E, quando o sol brilhar, brilhará ainda mais forte. Eram essas as histórias que ficavam nas lembranças, que significavam algo. Mesmo que você fosse pequeno demais para entender o porquê. Agora eu sei. As pessoas dessas histórias tinham várias oportunidades de voltar atrás, mas não voltavam. Elas seguiam em frente, porque tinham no que se agarrar. No bem que existe no mundo. Pelo qual vale a pena lutar.

Não somos ensinados a compreender que por mais terrível tenha sido a experiência aquela situação nos moldou a sermos o que somos hoje. Essas histórias como diz “Sam”, precisam ficar na lembrança, não podemos nos esquecer, nosso futuro depende delas para que possamos seguir em frente e ter pelo que lutar.

Entretanto, depois de um determinado tempo compreendi que eu não deveria ter medo de tantas coisas, e que a resposta eu somente terei ao experienciar, ao viver! Preocupação e medo não resolveriam ou melhorariam minha situação, eu precisava tentar, como sempre fiz ao longo da minha vida. Talvez meu voo seja mais baixo em alguns momentos, mas não deixarei de voar, não posso deixar.

Hoje com todas essas vivências, percebo que muito já mudou e que muito já mudei, ainda sinto medo e preocupação, tenho algumas instabilidades... Tem dias, que não me sinto pertencente ao Mestrado, que me pergunto o que faço por aqui, e tem dias que lembro que sou uma pequena aprendiz e é normal as vezes me sentir pequena nesse oceano.

Somos pessoas, não é? É normal ter fraquezas! Apenas desejo ajudar alguém com minha pesquisa, colegas! Desejo aprender ao longo desse mestrado, ser alguém diferente, e já não sou mais a mesma pessoa de antes, algo mudou em mim, eu acredito que tudo mudou. Estar no mestrado é um processo de transformação e ressignificação constante, nem sempre é agradável, porém, ficar no mesmo ponto não é interessante.

Fico no aguardo de vossas respostas! Dúvidas e perguntas sempre são bem-vindas!

Que a força esteja com vocês, com carinho, Danielle.”

2.2. DESDOBRAMENTOS DO CONTAR DE SI

Caros leitores,

Nesta unidade trago a vocês os desdobramentos das cartas para os meus destinatários. Devo dizer que foi um momento de extremo significado nesse meu percurso investigativo,

admito que estava em um momento sombrio na minha caminhada... Ouvir de outras pessoas que minha carta foi um bálsamo, reflexão e inspiração deixou meu coração “quente” e esperançoso. Vivenciei mais uma vez o poder da narrativa, da autobiografia e da resiliência.

Devo fazer um breve relato referente ao início dessa jornada inesperada que foi trocar cartas com destinatários desconhecidos...

Participei de algumas aulas remotas das disciplinas de Dimensões Paradigmáticas da Pesquisa e Tendências Investigativas no Ensino, como parte do processo de execução do meu planejamento interventivo/investigativo, desenvolvendo com os alunos um momento formativo, fundamentado pela metodologia das cartas autobiográficas. Nestas aulas fiz uma pequena apresentação da minha proposta investigativa, e da leitura da minha carta autobiográfica, a qual conta sobre a resiliência na minha história de vida, e meus processos formativos.

Assim estabelecemos uma breve conversação que se baseou no envio de suas respostas referente a escrita de minha carta, construímos uma relação entre emissor e receptor, ocorreram trocas de mensagens carregadas de histórias, culturas, perspectivas e ideologias extremamente necessárias para minha ressignificação, e para encontrar as respostas que busco para esta investigação.

Devo ressaltar que a carta para cada grupo proporcionará uma reflexão diferenciada, visto que as cartas são construídas por um autor que está inserido no seu espaço social, no seu tempo, na sua realidade. A carta ocasionará e possibilitará uma expressão natural e espontânea, na qual o autor saíra de si e enxergará o seu processo.

A carta para os graduandos traz como proposta de reflexão a sua formação inicial, os instigando para uma resposta a mim sobre suas perspectivas e compreensões referente ao seu processo de resiliência no sentir-se professor pesquisador principalmente quando relata as suas experiências sobre pesquisa, e o que podem contar, que fatos, exemplos e ilustrações podem receber um tratamento singular, para efeito de dar um grau de confiabilidade significativo ao seu registro.

A carta para os mestrandos traz como proposta a reflexão sobre que registros emergem de narrativas de professores em formação continuada, decorrentes de suas vivências e experiências sobre o sentir-se professor pesquisador, no que tange às suas “verdades”, considerando a tríade dimensional paradigmática (ontológica, epistemológica e metodológica), assim como o debate quanti/quali nas tendências de pesquisa em Ensino e suas possibilidades e implicações integradoras quanto aos métodos investigativos adotados.

A carta para os doutorandos traz como proposta utilizar a Resiliência como tema central e que este sirva como reflexão para que os doutorandos compreendam a importância do exercício de cunho ontológico no processo de compreensão de si, nas possibilidades formativas pelas quais passaram e ainda passarão.

E foi nessa troca de palavras que obtive o “gás” necessário para seguir firme na minha jornada, nesse pequeno momento percebi a pequena transformação que levei aos meus colegas. Em meio a pandemia na qual a distância foi obrigatória, e a solidão se faz presente, a comunicação voltou a ser enxergada com importância e necessidade, quando o toque ou calor de um abraço não é possível, as letras se tornam instrumentos fundamentais na relação.

A leitura das cartas foi uma terapia, pouco sabia sobre meus colegas, e pouco ainda sei, porém sei o suficiente para saber que eles possuem uma história de vida com voos altos e baixos, com inúmeras adversidades, e que foram essas situações desconfortantes que os possibilitaram a ressignificação e resiliência.

Podemos compreender que a construção da autobiografia não é apenas uma narrativa de vida, tal como resultaria da narração de uma história de vida considerada em sua globalidade. Ela é o resultado de um processo de reflexão parcial, a meio caminho da jornada seguida pelo indivíduo no decorrer da vida. Cada etapa dessa jornada se constitui tanto no fim de uma interrogação como é o ponto de partida de outra (SANTOS; GARMS, 2017, p. 4099).

O estabelecimento dessa conversação entre nós que estamos distantes, essa troca de mensagens que carregam histórias, ideologias, crenças, hábitos, experiências, mudou a minha perspectiva e a deles também referente a algumas percepções, ao se reconhecer no outro os fizeram compreender a importância de lembrar o passado para compreender a si. Albuquerque (2017) nos diz que a escrita nos possibilita registrar informações, pensamentos e ideias, transpõe a fala para o papel, possibilitando o compartilhamento de sua escrita e a ressignificação dela.

A escrita leva nossas perspectivas presentes para o futuro e permite ainda revisitar o passado por meio delas, nos dar um lugar de fala e reconhecimento de onde viemos, e nos faz compreender que os passos dados no passado foram essenciais para os passos que agora estamos dando.

Moehlecke e Fonseca (2008, p.5) diz que “Podemos refletir que, na vida, o ser experimenta compor novas personagens ao longo de suas histórias. E, assim como no teatro, o vivo pode realizar muitos ensaios, na tentativa de romper os limites do corpo e agenciar

outras maneiras de existir”. Escutar a vida do outro, suas experiências e os sentidos a elas proporcionados, permite a visão de nós em situações diferenciadas.

Escutar as histórias, experienciar as histórias podem permitir imaginar sobre si mesmo, projetando para um futuro um si diferenciado. Penso, que isso seja um dos objetivos centrais das histórias de vida. Para além de um conhecimento de si que constrói e ressignifica uma identidade, dá um espaço de voz.

Não digo que minha carta e as dos colegas irão mudar o mundo, mas estão nos mudando, nos trazendo pequenas ressignificações nos mais variados processos. Essa relação entre emissor/remetente e receptor/destinatário inconscientemente nos possibilita uma escrita na qual tenhamos o pensamento narrativo. Martins e Magno (2016, p. 1) afirmam que a escrita narrativa nos possibilita reflexão, compreensão e reconstrução das histórias vividas pelos indivíduos, além de compartilhá-las (apud GONÇALVES, 1999).

As cartas foram fundamentais para grandes descobertas, os relatos que nelas faziam-se presente foram essenciais para compreendemos grandes transformações, as cartas nos permitem ter um olhar referente a temporalidade em diferentes espaços de tempo nas histórias contadas e nos momentos que os episódios narrados eram ressignificados no presente por cada pessoa que a escreve, seja em posição de remetente ou destinatário.

No próximo tópico trago a vocês alguns trechos das cartas recebidas nesse pouco tempo de troca de correspondências entre mim e a turma de graduandos, mestrados e doutorandos. Mostrarei a vocês que através dessas cartas enxergamos a resiliência no processo formativo de cada pessoa, e que ao escrever sobre si abrimos memórias adormecidas que nos possibilita trazer uma relação na qual podemos ver o mundo pelos olhos de quem escreve, e nos possibilita a ampliação de saberes sobre um indivíduo, seu ambiente social, sua cultura e conhecimento, nos traz a transformação e ressignificação do nosso ser por meio da escuta da história do outro.

2.2.1. ENTRELACANDO RAÍZES:

A execução da proposta metodológica intitulada: O contar-se de uma professora resiliente: um processo como pretexto para efetivação da (auto) formação a partir de uma metodologia alternativa ocorreu com as turmas de graduação, mestrado e doutorado em aulas remotas no Instituto Federal do Amazonas- Campus Manaus Centro.

A realização da prática se deu na disciplina de “Dimensões Paradigmáticas da Pesquisa e Tendências Investigativas no Ensino”, ministrada pelo Professor Dr. Amarildo Menezes

Gonzaga, na qual em uma aula, abordou-se o tema da investigação. A exposição do conteúdo nas turmas, deu-se a partir da proposta metodológica da pesquisa, a partir do pretexto de contextualizar e trazer subsídios referentes a pesquisa abordada, evidenciamos a metodologia utilizada ao longo do percurso investigativo e sua contribuição para a construção da Proposta do Produto Educacional

Após a socialização e os primeiros contatos com os alunos, ocorreu a apresentação do Plano de Ensino pelo Professor Amarildo Menezes Gonzaga, no qual estava inserido a Proposta Metodológica em questão. Realizei a apresentação da proposta e leitura de minha carta de apresentação, em seguida passamos as orientações necessárias para a elaboração da carta de apresentação.

Os participantes assumiram a posição de destinatários, e enfatizamos a eles que ao assumir essa condição eles deveriam contar a sua reflexão referente a sua formação inicial, os instigando para uma resposta a mim sobre suas perspectivas e compreensões referente ao seu processo de resiliência no sentir-se professor pesquisador.

Foi perceptível as dificuldades na escrita das Cartas Autobiográficas pelos participantes, falar de si não foi um processo simples, acordar memórias esquecidas e refletir sobre elas foi um processo complexo para eles. Descobrir que a resiliência é um processo existente em cada um e que vivenciar e relembrar as experiências são uma das ferramentas para (des)construir suas identidades enquanto profissionais, e se ressignificar enquanto ser.

A seguir apresento alguns recortes das cartas dos meus destinatários referentes as suas impressões sobre minha Carta de Apresentação, e suas perspectivas e compreensões durante a escrita autobiográfica referente aos seus processos de resiliências, e as redescobertas ao relatar suas experiências ao longo dos seus processos formativos.

a) RECORTES DAS HISTÓRIAS - GRADUANDOS

“E nesse último ano que estamos, acabou que a pandemia nos fez olhar por outra perspectiva, tendo que se adaptar a novas formas de ensino, no caso o remoto, e querendo ou não acredito que a maioria, nesse período deve ter se desmotivado com algo, talvez até pensado em desistir, mas aqui estamos tentando nos formar. E é sobre esse último ano que quero contar, eu tive que decidir pois já tinha perdido 3 anos de faculdade, e eu não tinha feito nada, me encontrado em nenhuma área, e foi então que consegui me encontrar na área de educação inclusiva, por eu ter tido experiência no ensino fundamental com alunas deficientes eu nunca gostei de excluir ninguém, por também já ter sido excluída de grupos, e sempre lutei por isso” (E.R).

“Fico muito grato por ter compartilhado comigo essas experiências tão singulares, e que com toda certeza despertam muitas emoções em você, assim como despertaram em mim enquanto lia. Sinto-me desejoso de compartilhar com você também um pouquinho daquilo que vivi nos meus poucos 21 anos e alguns meses. Para alguns pode parecer pouco, mas aqui onde estou já é um voo muito alto, que nunca imaginei alcançar. E se Deus permitir não paro por aqui. Por isso sou muito grato, pois embora sempre tenha me esforçado muito, não conseguiria ter alcançado nada sem as oportunidades adequadas; por outro lado, se tivessem surgido oportunidades maravilhosas, mas não tivesse me esforçado, de nada valeria” (J.M.).

“Quero ser uma pessoa que contribua na educação, quero compartilhar conhecimentos, espalhar informação, fazer o outro crescer, mostrar o caminho, dar as mãos, e para isso, é crucial ter o vínculo com o próximo, empatia, se colocar no lugar do outro, ser compreensível. E para eu pensar assim hoje, foi preciso ter muita resiliência, as dificuldades me fez olhar com mais atenção as coisas ao meu redor e tudo que acontece em nossa vida é para nosso crescimento, seja negativo ou positivo” (K.).

“Durante a minha trajetória, eu aprendi que não existe caminho fácil e que não somos obrigados a nada. Aprendi que não podemos ter medo de mudar de ideia, de mudar o rumo da nossa história, pois nunca é tarde para se viver aquilo que você realmente deseja em determinado momento da sua vida. Sei que temos compromissos e responsabilidades inadiáveis e é justamente por isso que podemos sempre estar buscando o melhor e assim descobrindo nossa melhor versão também. É do ser humano ser limitado, mas precisamos confiar que sempre podemos ir além. Os obstáculos e dificuldades são inevitáveis, pois é através deles que somos forjados. Sigo caminhando, tentando e aprendendo” (P.B.).

“Então continuei, porque de fato já enfrentamos tantas coisas juntas e olhando agora foi o melhor momento de nossas vidas, e desde então eu nunca desejei uma vida perfeita, e aprendi que as coisas que nos derrubam na vida são testes, e esses testes nos forçam a escolher entre desistir, ficar caída no chão ou sacudir a poeira e se levantar com mais firmeza que antes. Eu estou escolhendo levantar com mais firmeza” (D.B.).

“Por enquanto, deixei de lado minhas ambições em relação a pesquisa, ao ensino, à extensão, estou cuidando um pouco de mim entendendo que se não estou no meu melhor estado, não poderei me doar o quanto gostaria à isso, mas vou levando enquanto der, lembrando das motivações que me trouxeram até aqui, levando em consideração o meu sonho de contribuir positivamente na vida das pessoas que passarem por mim e me sustentando no amor às plantas, à minha família, à meus amigos e à meus animais, e por eles eu não vou desistir, apenas me recuperar, afinal, como disse o poeta e filósofo francês Paul Valery “o vento se ergue, é preciso tentar viver” (J.G.).

b) RECORTES DAS HISTÓRIAS - MESTRANDOS

“Escrevendo esse texto e recordando essas memórias de momentos difíceis, também recordei momentos incríveis, momentos que passei com minha família e amigos, percebi que sempre superamos as adversidades, lembro-me de meu pai e de minha mãe e de todo o processo até chegar aqui, foi emocionante recordar e em vários momentos me peguei chorando na escrita, não de tristeza, mas de alegria por reviver esses momentos tão especiais, que muitas das vezes ficam em um cantinho do nosso coração adormecido (B.B.)”

“Ah minha amiga! Gratidão por fazer eu enxergar agora a importância de tudo isso, de ter tido força nas minhas escolhas e nos meus objetivos, a importância da resiliência palavra esta que já não consigo mais pensar sem ter tua cara estampada na mente. Obrigada por me fazer enxergar que problemas sempre vão existir, em casa, na escola, na rua, no curso, e em tantos lugares, mas que o importante será sempre o olhar que vou direcionar para resolver tais problemas. Você sabe que sou amante da dança e como falamos por aqui, entre um sete e oito muita coisa pode surgir e que ao dar minha mão à sua eu posso fazer o que sozinha eu não conseguiria (G.S.).”

“Olá, colega Danielle. Antes de lhe contar um pouco de minha história, tive algumas reflexões no momento em que você estava narrando sua trajetória, sobre como resiliência é algo particular, ao mesmo tempo que muito da sua história se assemelha como muitos de nós, cada um sabe o peso que carrega e acredito que comigo não é muito diferente. (I.L.)”

“[...] E poder refletir sobre as memórias mais marcantes da minha vida pessoal e formativa foi uma das melhores experiências que o mestrado me proporcionou até o momento. De fato, a resiliência faz parte da minha vida, pois muitas foram as vezes que pensei em desistir, mas a minha força interior de perseverar e acreditar nos meus sonhos nunca permitiu que a desistência se concretizasse. Além disso, meu sentimento é de muita gratidão a todos que fizeram e fazem parte da minha vida (J.F.).”

“Os primeiros momentos como mestrando me mostraram que os desafios e a dedicação para alcançar os objetivos agora são maiores, portanto, lembrar de tudo que passei até chegar aqui, o papel da resiliência e da perseverança na minha vida me faz acreditar que tudo é possível à medida que encontramos maneiras para contornar nossos obstáculos, nos permitimos adaptar-se as situações complexas e superamos dos nossos traumas. Espero que a minha trajetória de vida sirva de ajuda de alguma forma para que meus colegas e minhas colegas de turma também sigam firmes em suas jornadas (M.H.)”

“Ao passar do tempo e no decorrer da disciplina ministrada percebi a importância para o docente escrever a sua autobiografia, visto que é difícil falar de si. Porém é um retorno que a pessoa faz as suas raízes que nos fazem lembrar o passado fazendo com que possamos mostrar através da escrita a nossa vida pessoal e acadêmica. Acredito que através de vários acontecimentos vividos, histórias, trajetórias tem uma caminhada de muita persistência e resiliência por detrás de toda luta. (R.F.)”

“Expor a minha trajetória, experiências, sentimentos e o ato de desenvolver a resiliência no decorrer desta caminhada, foi de fato muito relevante para pensar em como pequenas atitudes podem ser instrumentos potencializadores para o processo de tornar-me uma professora-pesquisadora (S.L.)”

*Nós podemos fazer uma grande história! O céu é o limite!
Toda essa lembrança me fez sentir como se estivesse numa sessão de terapia psicológica, me fez analisar de como nossa história influencia em nosso comportamento didático em sala de aula! – (C.P.)”*

“Assim, rever meu o processo formativo por meio de uma conversa com o passado, lembrando acontecimentos, lutas e resiliências em certos momentos. Talvez para alçar voo mais altos tudo isso foi primordial, atualmente observo que com todas essas vivências, foi possível perceber o quanto esse processo me modificou, e o quanto ainda vou me modificar. Por fim, a elaboração desta carta serviu como ponto de partida para uma reflexão como parte integrante desse processo formativo ainda em construção, entendo que um professor é capaz de participar ativamente ensinando aos alunos que todos são capazes de conhecer, produzir e compartilhar novos conhecimentos por meio da pesquisa, ensino e aprendizagem e que o papel do professor nesse processo é somente de mediador (S.C.)”

“Gostaria de aproveitar a oportunidade e agradecer a sua proposta, pois nesse período de novos desafios, que é o mestrado, uma reflexão do passado, de muitos dos pontos que nos trouxeram até aqui, ajudam a ver a força que tivemos e que temos potencial para finalizar mais essa etapa da vida. Todo esse resumo da minha história, foi para tentar mostrar que mesmo as nossas perdas e derrotas, quando olhadas como parte de um todo, mostram que foram necessárias para o aprendizado, que no futuro podem ser acertos, desde que não desistamos dos nossos objetivos e tenhamos embasados no caminho percorrido forças para não ser limitados por pedras, mas termos a resiliência de continuar a caminhada, e que essa trajetória, em um outro momento, possa ser revisitada como a oportunidade de ajudar a romper novas barreiras no processo cíclico e repetitivo das adversidades na vida [...] (I.S.)”

c) RECORTES DAS HISTÓRIAS - DOUTORANDOS

Olá, Danielle,

Recordo agora que em algum momento eu disse para o Prof. Amarildo: “-Não me vejo pronta para trabalhar pela Autobiografia, não consigo pensar em falar de mim, não vejo contribuições possíveis na minha história, não estou confortável para me mostrar.” [...] Aliás, atrevo-me a dizer que não sabemos até que tenhamos conhecimento para consciência para compreendermos e assim nos modificarmos, curar as dores, lamber as feridas, decidir o que nessa bagagem vai, e o que fica. [...] Ao aceitar ser resiliente, você não ajuda só a si mesmo, mas a todos que em algum momento precisaram/precisarão ser fortes e não sabiam/sabem de onde tirar forças. Então seu exemplo chega a eles, sem que você fale e eles acreditarão em si mesmos e também vencerão (C.E.)

Bom, na tentativa de não me alongar muito, espero conseguir isso, vou te contar um pouco da minha história. Não sei se conseguirei corresponder as suas expectativas com minha a história, mas ela representa uma parcela expressiva do orgulho que sinto do que me tornei. Sendo assim, espero que minha narrativa, as vivências e experiências, possam colaborar de forma significativa com a sua pesquisa. [...]Estou vivendo a resiliência. E tenho percebido o quanto o outro é importante, nada consegui sozinho, aliás, nada se consegue sozinho. Nada foi ou está sendo fácil. Na próxima carta vou te contar sobre algumas das pessoas que me trouxeram até aqui. Em síntese, estou “segurando as pontas” dizendo para o destino que ele bem podia sair daquilo que está previsto e poderia ir por caminho A ou B. Negociando com a vida, comigo mesmo, com meus objetivos e com minha realidade (H.R.).

Gostaria de começar agradecendo pela oportunidade de participar desse momento! Me senti acolhida e motivada ao ler sua carta, espero que minha história possa lhe trazer o mesmo sentimento. (K.M.)

Com muito entusiasmo e emoção recebi sua carta. É a segunda vez que recebo no período de dez anos como docente. Pra você ver como não é uma prática tão comum. A primeira vez foi por ocasião de uma atividade de extensão que promovi com meus alunos. Foi emocionante receber escritas de alguém que não me conhecia perguntando sobre mim, minha escola, meus alunos, minha cultura. A gente recebe tantas mensagens em nosso cotidiano como docente desde que o e-mail foi inventado e agora com a ferramenta do WhatsApp então, tudo passou a ser oficial nele, um pedido de orientação a um aluno, um diário de classe, a construção de um projeto de extensão ou de pesquisa, responder a um questionário da

diretoria de ensino, de pesquisa. Uma carta, não. É um gênero mais esquecido, mas não é por isso que ele não é especial. Talvez passe despercebido aos olhos de quem nunca teve a grata surpresa de abrir um desses papéis em suas mãos [...] que privilégio é olhar para trás e contar estes pequenos trechos de minha vida a alguém que nunca vi pessoalmente, mas creio estar disposta a ouvir e partilhar também de suas experiências para fortalecer um laço em comum: a trajetória docente. Somos fortes, Danielle, em meio à pandemia, vida acadêmica, pessoal e tantas outras coisas somos resilientes e gratos à vida por tanto (J.O.)

Resiliência para mim também é um exercício de adequação, da minha linguagem, e tentar ser gentil não só nas palavras, mas também nas atitudes. Não só a educação deve ser um instrumento de encantamento, mas as nossas atitudes no cotidiano, e os pensamentos, isto a meu ver nos torna mais fortes e resilientes. Finalizo estas palavras deixando a dica que a resiliência pode ser muito mais do que a capacidade de superar as dificuldades a partir de situações difíceis, tente superar baseado na força de quem te deu a mão nessas situações (J.X.).

2.2.2. ESTRANHO RECONHECER

Escrever cartas é uma arte, não? Ao realizar a leitura de cada uma delas, me imaginei em cada acontecimento, e idealizei cada experiência contada pelo autor... Fantástico! Senti em breves momentos que estava ali em cada memória escrita.

Percebemos que não é somente colocar no papel aquilo que pensamos ou sentimos, é tumultuado as vezes escrever sobre experiências e realidades que fazem parte do nosso cotidiano, e tomam nossa mente.

Contar nossa própria história não é algo trivial, acredito que possuímos o hábito de esquecer e não querer lembrar o nosso passado, são muitas memórias negativas e arrependimentos talvez... Entretanto, é estranho e frustrante saber que não somos ensinados a compreender que por mais terrível tenha sido a experiência, foram aquelas situações que nos moldaram para sermos o que somos hoje, e nos ajudam a compreender quem somos ou pretendemos ser.

Ao realizar a leitura das cartas dos destinatários observei quão significativo foi o encadeamento dos fragmentos das memórias referente as jornadas deles, para os graduando a descoberta daquilo que eles pretendem ser, para os mestrandos as dificuldades e identificação

de ser quem são, para os doutorandos a influência do seu passado e presente na ressignificação do seu eu futuro. Tais fatos deu coerência à representação do passado ao organizar algumas lembranças e experiências esparsas para compreensão dos seus processos formativos.

Ao ler Izquierdo (2004) percebi que a memória é a aquisição, conservação e evocação das informações, dos fatos vividos por cada indivíduo. E que “nada somos além daquilo que recordamos”, somos formados por memórias, nossas ações são realizadas por influência de memórias, o autor afirma ainda que “esquecemos para poder pensar, esquecemos para não ficarmos loucos; esquecemos para poder conviver e para poder sobreviver”.

Nada se apaga, acreditamos ter esquecido, mas na menor evocação uma lembrança pode surgir e desencadear o retorno de uma história. E acredito que através destes pequenos recortes das cartas percebemos que a construção da autobiografia não é apenas uma narrativa de vida, tal como resultaria da narração de uma história de vida considerada em sua globalidade. É o resultado de um processo de reflexão parcial, a meio caminho da jornada seguida pelo indivíduo no decorrer da vida. Cada etapa dessa jornada se constitui tanto no fim de uma interrogação como é o ponto de partida de outra (SANTOS; GARMS, 2017, p. 4099).

Convenhamos que narrar nossa história de vida não é algo tão simples quanto imaginamos ser, falar sobre si sempre é complexo e difícil, a ideia de que nossas vivências não são importantes, é algo frequente no escrever e pensar. Entretanto, ao longo de toda as pesquisas realizadas, foi possível compreender que qualquer experiência vivida e principalmente exposta é relevante para quem o ler, expor suas experiências para outras pessoas os ajudam a compreender e reconstruir a sua realidade.

Ir além daquilo que nos é exposto é essencial, embora difícil... Todavia são inúmeras as situações problemas presentes em nossa sociedade, mas sempre ficamos no superficial, é necessário deixar de nadar no raso e mergulhar, o mais profundo que pudermos ir. Para compreender os motivos que nos levam a pensar de determinadas maneiras, precisamos ir à gênese, ler a história dos nossos antepassados para entender a ação humana, a nossa ação, e principalmente refletir nossas práticas pessoais e profissionais.

As vezes nossas limitações não nos permitem ir para além daquilo que já está em nosso “campo de visão”, e ao longo de nossa vida não possuímos a prática de se autoavaliar... Por que penso assim? Por que acredito nisso? Por que defendo essa tese? Baseado em que?

Talvez por isso cometemos o erro em subestimar a nossa capacidade, mas quase não estimamos o nosso poder de reflexão, principalmente perante a alguma dificuldade. E assim surgem os desafios. É importante que as experiências decorrentes dos desdobramentos desses

desafios, tornem-se referenciais para a compreensão de si em sua própria reinvenção, nos mais diferentes contextos e em qualquer situação e ou segmento da vida.

Os acontecimentos das nossas vidas sucedem de relações, sejam familiares, profissionais, amizades, amorosas... Essas relações são fontes de conhecimento e reconhecimento, uma vez que reconhecemos nos outros aquilo que de certa forma conhecemos em nós mesmos. Talvez esse seja a questão mais importante: será que eu me conheço o suficiente para reconhecer o outro?

Na grande maioria das vezes, para compreender as relações e o que elas trazem consigo, é necessário um olhar interior, entender a si mesmo, e muitas vezes não sabemos lidar com tudo isso. Para que esse processo se torne significativo, é necessário aprender a se conhecer, criar possibilidades de construir novos caminhos, não optando, portanto, esquecer ou subestimar o evento traumático, mas a partir dele refazer a si mesmo (CYRULNIK, 2004).

A resiliência como um processo de ser afetado, enfrentar e transformar as adversidades em potencialidades de crescimento (YUNES, 2006; GROTBORG, 2005; CYRULNIK, 2004) surge como uma possibilidade de enfrentamento e saídas diante das condições adversas, desafiando o modo naturalizador de ver estes espaços e instigando a ampliação das visões dos envolvidos no processo.

São, sobretudo, as narrativas de vida que trazem mais significado a essa dimensão de desvendamento ou de revelação da pessoa, dando um sentido a sua experiência e possibilitando o processo da resiliência. Essa necessidade de contar é essencialmente um ato interpretativo, onde o indivíduo reflete sobre sua própria história e lhe dá um sentido. Falamos de um lugar de aprendizado e conhecimento, onde podemos olhar para a dificuldade, encarar as possibilidades advindas da mesma e, acima de tudo, se ressignificar.

Compreendemos que a escrita das cartas autobiográficas estimula a autorreflexão, como possibilidade de um processo autoeducativo e autotransformador nosso, visto que ao refletir sobre nossa própria história e existência, revisitamos o passado, refletimos o presente, e criamos a hipótese de futuro. Trata-se, como vemos, de um exercício para compreender o nosso processo de resiliência, visto que ao lembrar a própria história, relembremos as adversidades que se fizeram presentes em nossa trajetória, e conseqüentemente a superação deste.

Ao longo da vida, em algum momento, todos iremos passar por pelo menos uma situação problema. Como nós enfrentamos essas situações? O que faz uns se adaptarem e outros não a uma situação adversa? São todas as pessoas que se recuperam de grandes perdas? Como lidar com essas experiências?

Em pouco tempo compreendi que as experiências são constitutivas do nosso ser, nossas ações estão associadas às significações que vamos dando a situações, relacionamentos, objetos e pessoas. A consciência tomada por cada um de nós dos limites do nosso ser no mundo como vai sendo conquistada a partir da nossa iniciativa em pesquisar e compreender nossa essência pessoal e profissional.

Penso então que as narrativas em cartas autobiográficas são um instrumento para esse processo de autorreflexão, pois ao narrar suas experiências, o narrador sai de si e se autoanalisa, e nesse processo de reflexão e (re) conhecimento aparecem indagações para os quais o narrador buscará resposta ou compreenderá sua trajetória e identidade. Desse modo, ele pode (re)constrói seus objetivos possibilitando sua ressignificação.

Nesse tempo sombrio e tempestuoso que estamos vivendo falar em resiliência é um ato de glória e resistência... Assim como meus colegas, eu não pude me esquivar e me coloquei como a grande maioria das pessoas que fazem parte da minha história. Assim expesso que a minha luta constante é ser resiliente como forma de resistir e principalmente de existir na sociedade. Precisamos falar e expor as situações, acontecimentos e momentos históricos que em muito vão ressignificar a existência, e de que falar sobre as suas experiências e conflitos leva o poder ao outro que se sentirá emponderado a persistir e encontrar o seu lugar de fala.

Estou nessa estrada do mestrado, alguns passos mais a frente, com uma bagagem diferente, mas ainda na mesma estrada. Ler as cartas dos meus caros colegas acalmou meu coração, e deu esperança de dias melhores para eles. Descobrir que outro alguém também teve percalços e os superou é um alívio para a mente, coração e alma. Diferente das histórias que escutamos, na nossa não haverá um herói que nos salvará, nós somos os heróis e talvez os vilões algumas vezes, nessa história escrevemos nosso destino e escolhemos nosso final.

De maneira muito particular, finalizo a escrita deste tópico com o trecho de uma canção “Sobre a Dúvida” do Rosas de Saron, que ao escutá-la enquanto escrevia este texto pude compreender que existe uma voz dentro de mim me pedindo pra continuar nos momentos no qual a minha luz apaga. Não sei de onde vem, talvez seja a voz da resiliência, essa que sempre esteve comigo mesmo eu não a compreendendo ou enxergando, mas esteve aqui durante toda a minha jornada, e assim continuará.

*“Mas o mar é fundo demais...
E as ondas vem me atingir!
E se eu tentar caminhar? E duvidar?
E se eu cair?”*

*Mas o monte é alto demais...
Muito além do que eu posso ir!
Já me esgotei por aqui...
É tão mais fácil desistir!*

*Ouçó uma voz, bem perto a chamar!
A sinto falar, vem de dentro de mim!
Ouço uma voz, me ponho a andar!
E ela diz: Vem!”.*

CAPÍTULO 3 – PRODUTO EDUCACIONAL

Sempre me perguntei o porquê de não acontecer as quatro estações na minha região... Aqui em Manaus – AM, apenas temos o verão escaldante e o inverno (chuvas e garoas), tinha um leve fascínio pela primavera e outono, achava incrível como a natureza conseguia tornar tudo tão colorido nessas estações.

Ao crescer consegui enxergar esse processo natural como uma analogia de vida, as estações representam um exemplo de ressignificação, vejamos bem, o Verão é alegria, nos ensina a amadurecer perante as ardências da vida, o Outono é a transição de dois extremos (Verão e Inverno), nos ensina a deixar ir aquilo que não nos serve mais, o Inverno é o frio, solidão, tentamos nos manter aquecido para não congelar perante ao frio intenso, tentamos manter a luz acesa para não sucumbir e congelar, e a Primavera nos traz o renascimento, o florescer depois de um período sombrio.

Eu estive no Inverno... E quase não consegui me aquecer, eu quase congelei! Traçamos planos com a perspectiva de que eles devem ser cumpridos infalivelmente, e bem, nem sempre é possível, talvez nunca seja... Destino? Consequências? Não sei. Mas o trajeto traçado é cheio de buracos e elevações, e alguns desses nos derruba, comigo não foi diferente.

A princípio toda a investigação deveria gerar como produto principal um Documentário, mas este não foi possível. Desencontros, responsabilidades, compromissos... Inúmeras situações que por um infortúnio impossibilitaram a elaboração

deste. Desânimo me assolou por tantos dias, e o medo ressurgiu como meu intenso e leal companheiro, medo de não conseguir, medo de não finalizar, medo de errar... Eu estava no inverno, eu precisava acender a lareira, e tentei, por dias e dias, finalmente consegui. Mas eu não fui para a Primavera, ainda não, pulei para o outono, precisava deixar ir algumas coisas que não me servem.

E foi nesse processo que surgiu o Podcast, não muito distante daquilo que era a ideia principal, mas ainda assim diferente... Todavia, a resiliência fez parte desse processo também. Uma busca por referências e conhecimento necessário para construção do Podcast se fez presente, e foi nesse processo que descobri que o Podcast seria um fenômeno de comunicação tão ou mais popular e significativo quanto a pretensão de produto anterior.

Na construção do Podcast não pude contar com os meus destinatários, os mesmos motivos, a rotina da vida não perdoa, a vida não para e nem sempre conseguimos realizar aquilo que pretendíamos... Foi uma construção árdua, e não, não é algo tão complexo de construir, complexo é quem o estava elaborando. Foram tantas regravações, frustrações e questionamentos..., mas a resiliência estava ali, o processo aconteceu, e ao finalizar os áudios percebi que talvez a primavera estivesse por chegar.

O Podcast tem como principal objetivo produzir conteúdo próprios e exclusivos sem qualquer tipo de controle comercial e alojá-los nas plataformas da Internet, permitindo aos ouvintes a possibilidade de escolher aquilo que lhe interessam e ouvir o conteúdo onde e quando pretender.

Isso torna o Podcast apetecível em diferentes âmbitos da sociedade, principalmente na educação. Aqui compreendo e admito que a troca do produto educacional trouxe uma nova perspectiva para a investigação, visto que as potencialidade que um instrumento como o podcast permite em tantos contextos sejam eles formais ou não são demasiados.

O Podcast tornou-se a luz, na verdade, foi a fagulha para acender o que havia se apagado. Foi o complemento para a escrita das cartas, o Podcast trouxe a possibilidade de maior exposição para aquilo que havia sido escrito, conseguiria atingir um quantitativo de pessoas maior do que apenas a escrita das cartas em si. E também é uma tecnologia alternativa e significativa para ser instrumento no processo de ensino e aprendizagem. Para Primo (2005, p.17) o podcast “é um processo mediático que emerge a partir da publicação de arquivos áudio na Internet”. Nos possibilita disponibilizar conteúdos e informações de maneira didática

em formato de áudio que podem ser ouvidas em qualquer horário do dia e em qualquer espaço geográfico.

Segundo Foschini (2018), o Podcast é um meio veloz de distribuir sons pela internet, um neologismo que funde duas palavras: iPod, o tocador de arquivos digitais de áudio da Apple, e broadcast, que significa transmissão em inglês. Este que possui vários programas, ou episódios, como se fosse um seriado. Os arquivos ficam hospedados em um endereço na internet e, por download, chegam ao computador, celular, ipod, entre outros dispositivos pessoais que você pode baixar os arquivos para ouvir quando desejar.

Ainda é considerado uma tecnologia relativamente nova, com variedades de possibilidades a serem exploradas, todavia, tem sido utilizado em inúmeros contextos disponibilizando diversos conteúdos.

Ressalta-se, ainda, a natureza comunicativa do Podcast é mais livre, por ser desvinculado de quesitos comerciais, os produtores podem abordar diferenciados temas, alguns destes que não teriam espaço em outras plataformas, por serem de viés contrários à visão dominante, além de ter a possibilidade de se expressar com os mais variados estilos de apresentação e permitir que todos possam falar, não se limitando às típicas a “linguagem comum.” Essa liberdade expressiva favorece o desenvolvimento da criatividade, que é outro fator de extrema importância, considerando que se deve buscar propiciar aos ouvintes percepções do mundo além daquilo que estar acostumado a ver, dos limites do estabelecido e do normatizado (CIAVATTA, 2012).

Portanto, ressalto que vocês não encontrarão (ainda) um documentário, e sim um Podcast intitulado “*Raízes: O contar-se de professores resilientes em cartas autobiográficas*”. Foi uma ressignificação, uma resiliência, propriamente experienciada dentro da pesquisa na qual aborda sobre o ser resiliente. Nada melhor do que experienciar o que se estuda, certo? Desejo que vivenciem juntamente comigo o que fora contado, escutem e sintam cada linha escrita e lida, desejo que se sintam instigados a contar sobre si também, que revisitem suas raízes e redescubram o que foi esquecido, e entrem conosco nesse processo incessante de resiliência e ressignificação.

O podcast está dividido em 11 episódios, com duração entre 5 e 6 minutos. E ao longo dos episódios vou narrando todo o processo de construção e realização da escrita, envio e trocas de cartas entre mim e os destinatários.

Conto todo o processo emocional, estrutural e investigativo das cartas, além de alguns recortes das cartas das turmas de professores participantes. Compartilhando uma pequena parte de todo um estudo intenso e transformador. Na tabela 1 é apresentada de maneira resumida os episódios presentes no Podcast.

Tabela 1 – Episódios do Podcast
EPISÓDIO **DURAÇÃO**

<i>Episódio 1 – A apresentação</i>	4:46 min
<i>Episódio 2 – O envio da carta</i>	4:00 min
<i>Episódio 3 – A carta – parte 1</i>	04:04 min
<i>Episódio 4 – A carta – parte 2</i>	04:20 min
<i>Episódio 5 – A carta – parte 3</i>	03:08 min
<i>Episódio 6 – A carta – parte final</i>	05:24 min
<i>Episódio 7 – O entrelaçar</i>	03:00 min
<i>Episódio 8 – Recorte dos graduandos</i>	05:39 min
<i>Episódio 9 – Recorte dos mestrandos</i>	06:12 min
<i>Episódio 10 - Recorte dos doutorandos</i>	06:00 min
<i>Episódio 11 – O florescer</i>	06:24 min

Fonte: Adaptado por Danielle Golvim (2022).

A publicação do Podcast será nas plataformas **Anchor** que são gratuitas, e de fácil acesso para o público, a princípio a publicação desse material tem como única finalidade o compartilhamento de informação e aprendizagem, por que motivo, fui a busca de uma plataforma que hospedasse o Podcast e possibilitasse o fácil acesso.

Para a criação deste foi necessário gravar os conteúdos utilizando um Fone de ouvido com microfone ligado ao celular, e um programa de gravador de voz que transforma automaticamente o arquivo em MP3.

Posteriormente pode-se colocar uma música de fundo, e realizar edições. Para isso, utilizei um programa que permite gravar qualquer som do computador, o Audacity (<http://audacity.sourceforge.net/?lang=pt>) que é desenvolvido sob licença Open Source (licença de código aberto) e possibilita a criação e edição de som com uma qualidade profissional.

Foi um processo de aprendizagem, embora exaustivo. O desenvolvimento durou cerca de 20 dias corridos e incessantes, gravações e regravações foram feitas. Ambiente inadequado, sons externos, tom de voz insuficiente, foram muitos os obstáculos. Todavia, a resiliência se fez presente mais uma vez, e a construção foi finalizada com muita árdua e sucesso. Mas uma experiência na lista para ser contada em uma carta futuramente.

PARTE FINAL – CARTA DE DESPEDIDA

Caros leitores,

Me sinto agraciada de me acompanharem até aqui, talvez nada disso faça sentindo, ou tudo faça... Questionei-me desde o início até o final desta pesquisa o motivo de não lidarmos positivamente com os erros e falhas, ou será somente eu? O erro é o principal aliado da transformação! Como transformar e ressignificar se sempre sou perfeito? Como enxergar e compreender o outro se nem sei o que sou?

Precisei desenterrar minhas raízes para compreender o quão fundas e firmes elas estavam, onde nasceram, como nasceram e cresceram para torna-se a árvore que hoje existe. Falar de minhas experiências foi assustador e libertador, não somente para mim, mas para todos os meus queridos colegas que dispuseram e permitiram fazer parte desse processo.

Navegaram parte desse oceano comigo e através deles enxerguei horizontes e percursos que jamais conseguiria encontrar sozinha, me transformei através da escrita e escuta do outro. Ainda gosto de velejar sozinha, mas compreendo que parar e escutar o outro é de extrema necessidade para enxergar além daquilo que me proponho.

As cartas à medida que sua leitura vai acontecendo possibilita uma profunda sensação de correspondência, ao escrever uma carta autobiográfica ficamos expostos, e abrimos aos destinatários a possibilidade para que aconteça reações diferentes das que imaginaria, e surjam resposta aos seus escritos.

Com a escrita das cartas autobiográficas compreendi o quanto nós, precisamos estar sempre atentos ao aspecto dialógico de nossos fazeres, e estarmos abertos e livres para refletir sobre as possibilidades e conhecimentos trazidos por nosso contexto e pelas pessoas inseridas nele.

Minha pesquisa, se fez pela escuta do outro, dos teóricos, dos pesquisadores, dos participantes... Com as teorias estudadas, que me proporcionaram aprendizados diversos e inestimáveis, mas se fez também pelo encontro e descoberta com pessoas “comuns”, expressivas, que ao escrever cartas autobiográficas, sem ao menos imaginar, me conduziram a lugares inesperados em mim, e transformariam toda minha vida.

Para melhor explicar essa afeição, e aprendizagem permito-me uma última citação, finalizada por um questionamento, que desde a sua leitura me desafia, sejam em momentos de admiração ou assombro, se retifica em mim: “Você acha que a dor vai fazer você menor por dentro, como se seu coração fosse entrar em colapso sobre si mesmo, isso

não acontece. Eu sinto espaços abrindo dentro de mim como um edifício com salas que eu nunca explorei. Eu acho que quando eu descobrir quem eu sou, eu serei livre. Você por acaso já questionou a natureza da sua realidade?” (Série Westworld).

Ao questionar a natureza da minha realidade percorri caminhos inimagináveis, descobri e despertei sentimentos que não sabia da existência, revisitei memórias que me fizeram compreender o que hoje me tornei... Ao questionar a natureza da minha realidade fui descobrindo quem sou, e me libertei.

Espero e aprecio que se sintam instigados a descobrir a natureza de vossas realidades, e saibam que precisam visitar e acordar memórias adormecidas para isso. Para saber que fruto darei na Primavera preciso compreender onde minhas raízes cresceram e adormeceram ao longo das outras estações.

Finalizo essa pesquisa com uma música que tem me acompanhado durante toda minha jornada formativa, “*I have a dream*” da Banda ABBA, uma das minhas favoritas. Eu tenho sonhos, alguns já realizados e outros que estão se realizando, por um tempo esquecemos quem somos, esquecemos a resiliência que desenvolvemos ao longo da vida. No dia em que tivermos tudo que sonhamos, que possamos ter a memória de quando não tínhamos, e nos ressignificarmos perante a isso.

Eu Tenho Um Sonho

Eu tenho um sonho, uma canção para cantar
Que me ajuda a superar qualquer coisa
Se você enxergar o encanto de um conto de fadas
Você pode compreender o futuro, mesmo se você falhar
Eu acredito em anjos
Algo bom em tudo o que vejo
Eu acredito em anjos
Quando eu souber que a minha hora chegou
Vou cruzar o riacho
Eu tenho um sonho
Eu tenho um sonho, uma fantasia
Que me ajuda a lidar com a realidade
E o meu destino final faz a viagem valer a pena
Seguindo pela escuridão, ainda tenho mais uma milha pela frente
Eu acredito em anjos
Algo bom em tudo o que vejo
Eu acredito em anjos
Quando eu souber que a minha hora chegou
Vou cruzar o riacho
Eu tenho um sonho
Vou cruzar o riacho
Eu tenho um sonho

REFERENCIAL TEÓRICO

ANGST, R. **Psicologia e resiliência: uma revisão de literatura**. Curitiba: Psicol Argum, vol. 27, n. 58, p. 253 – 260,2009.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In.: Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. v.1, São Paulo: Brasiliense, 1993.p.197-221.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. In: RAMOS, M.; FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Org.). Ensino Médio Integrado: concepção e contradições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 83-106.

CYRULNIK, B. **La maravilla del dolor: el sentido de la resiliencia**. (G. González-Zafra, trad.) Barcelona: Granica. 2001.

FLACH, F. **Resiliência: a arte de ser flexível**. São Paulo: Saraiva, 1991.

FOSCHINI, A. C.; TADDEI, R. R. PodCast. Disponível em: Acesso 29 ago. 2018.

FOUCAULT, M. **A escrita de si**. 1983. In: O que é um autor? Lisboa: Vega, 1992.

GROTBERG, H. E. **Introdução: Novas tendências em resiliência**. In: MELILLO, A; OJEDA, E. N. S. e colaboradores. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

IZQUIERDO, Ivan. **A arte de esquecer. Cérebro, memória e esquecimento**. Rio de Janeiro: Vieira&Lent, 2004.

JOSSO, Marie Christine. Cheminer vers Soi. Lausanne, Suisse: L'Age d'Homme, 1991. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. Revista da Faculdade de Educação - USP. São Paulo, 1999. Experiências de Vida e Formação. Lisboa: Educa, 2002.

MACHADO, A. C. A. Et al. **Estar Resiliente: Uma Estratégia Pedagógica Para Professores Da Escola Pública**. Trabalho de Conclusão de Curso (Em Psicologia) - Centro Universitário Anhanguera de Santo André. São Paulo, p. 150, 2015.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis: DP et Alii, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas**. In:MEYER, Dagmar E. Meyer; PARAÍSO, Marlucy Alves. (orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.

PEREIRA, A. M. S. **Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping**. Em J. Tavares (org.) *Resiliência e Educação*. São Paulo: Cortez. 2001, p. 77-94.

POLETTI, M; KOLLER, S. H. **Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica**. In: AGLIO, Débora Dalbosco. Dell. KOLLER, Sílvia Helena.; YUNES, Maria Angela Mattar. Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

VASCONCELOS, S. R.; LEÃO, G. B. A. M. **A resiliência como fator de desenvolvimento da prática pedagógica: pensando a formação docente e sua relação com a comunidade.** São Paulo: Revista de ciências da educação, vol. 02, n. 29, p. 55-66, 2013.

SANTOS, H.T.D.; GARMS, G. M. Z. **Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores.** In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 12., 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, 2017. p. 4094-4106. Disponível: http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/364.pdf. Acesso em: 01 de agosto de 2020.

SANTOS, R. F. **Dança e sua influência no processo de desenvolvimento da resiliência e superação em pessoas com e sem deficiência.** 2018.

SOUSA, E, C; ALMEIDA, J, B. **Narrar histórias e contar a vida: memórias cotidianas e histórias de vida de educadores baianos.** In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto) biográfica em rede. Natal: Ed. UFRN; Porto alegre: Ed. IPUCRS; Salvador; Ed. UNEB, 2012.p.29-31.

